



Organização

COMISSÕES

Apoio

1.0 CIENTÍFICA

- Professor Doutor ONÉSIMO TEOTÓNIO DE ALMEIDA, BROWN UNIVERSITY, USA
- Professor Doutor JOÃO SOBRINHO TEIXEIRA, Presidente do IPB (INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA), PORTUGAL
- Professora Doutora REGINA H. DE BRITO, UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, BRASIL
- Dr. ÂNGELO CRISTÓVÃO, Associação de Amizade Galiza-Portugal
- Dr. CHRYS CHRYSTELLO [University of Brighton, UK, ACL (Assoc. for Computational Linguistics) Mentor / Helsinki University, Finland (Reviewer Translation Studies Dept Publications)]

2.0 EXECUTIVA

- Presidida por Dr. CHRYS CHRYSTELLO, [University of Brighton, UK, ACL (Assoc. for Computational Linguistics) Mentor, e Helsinki University, Finland (Reviewer Translation Studies Department Publications)]

coadjuvado pelos Vogais

- Professora Doutora REGINA H. DE BRITO, Univ. Presbiteriana Mackenzie, Brasil
- Dr. ÂNGELO CRISTÓVÃO, Associação de Amizade Galiza-Portugal
- Dra. HELENA CHRYSTELLO, Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel, Açores

3.0. APOIO LOGÍSTICO e SECRETARIADO

- Presidido por Dra. HELENA CHRYSTELLO (Mestre) Escola EBI 2,3 Maia, S. Miguel, Açores coadjuvada pelos Vogais
- Dra. Fátima Fernandes, Vereadora da Cultura da CMB,
- Dr. Eleutério Alves, Diretor do Dept.º Sociocultural da CMB,
- Dra. Fátima Martins, Dept.º Sociocultural da CMB,
- Dr. Alexandre Castro, DSC, CMB
- Paula Bento (Animadora Cultural)
- Filomena Afonso, Instituto de Desenvolvimento Social de Miranda do Douro
- Marco Paz chefiando os alunos e ex-alunos IPB (voluntários por uma causa)

CONVIDADOS DE HONRA DO COLÓQUIO

[Professor Doutor Evanildo Bechara, Academia Brasileira de Letras](#)

[Professor Doutor João Malaca Casteleiro da Academia das Ciências de Lisboa](#)

Oradores e sinopses

ALEXANDRE BANHOS	Presidente AGAL Associação Galega da Língua	Galiza	As Falas Galegas e o Português	1.2
ANABELA MIMOSO	UID – Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Porto	Portugal	Onde nos Leva a Diversidade da Língua Portuguesa?	1.3
ANDREIA ROSMANINHO	Univ. Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil	Brasil	O Olhar Lusófono na Construção do “Outro” Em O Egito, de Eça De Queirós	1.6
ÂNGELO CRISTÓVÃO	Associação de Amizade Galiza Portugal	Galiza	A Posição Galega ante os Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa	1.5
ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ	Liceu (IES Salvador de MADARIAGA, Acrunha / Coruña)	Galiza	Fases Psico-Gloto-Políticas no Processo de Construção (ou de Destruição) duma Comunidade Nacional: Reflexões Breves desde a Galiza	1.2
CARLOS da Cruz LUNA	Esc. Sec. Rainha Sta Isabel Estremoz	Portugal	A Agonia do Português em Olivença: Análise e Propostas de Solução	1.2
ELISA GUIMARÃES	Univ. Presbiteriana Mackenzie S. Paulo	Brasil	José de Alencar e o referencial teórico linguístico da Língua Portuguesa	1.4
Gerardo Uz / Jéssica Beiroa /	Instº Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz (IGESIP)	Galiza	Vertebração da Lusofonia: Europeia ou Americana? Uma Aproximação desde a Perspetiva da Mídia Digital	1.2
JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA	Univ. Estadual Feira de Santana UEFS	Brasil	Português do Brasil e Português de Portugal: Temos o Mesmo Futuro?	1.3
JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS	Univ. de Alcalá, Madrid	Brasil	Algumas Variantes da Língua Portuguesa em Portugal e no Brasil, Inseridas na poesia de Florbela Espanca e Adélia Prado: sob uma perspetiva da Literatura Comparada.	1.3
LINO MOREIRA DA SILVA	Instituto de Educação e Psicologia, Univ. do Minho, Braga	Portugal	Fatores de diversidade, identidade e unidade e definição de uma política para a língua portuguesa	1.5
LOLA GERALDES XAVIER	Escola Superior de Educação de Coimbra	Portugal	A Língua como elemento de cultura: (In)Traduzibilidade das Variantes do Português.	1.4
ALINE MORAES OLIVEIRA	Univ. Federal do Espírito Santo	Brasil	Variação linguística e géneros textuais: uma abordagem para o ensino	1.3
MARIA DO CÉU FONSECA	Dept. de Linguística e Literaturas, Univ. de Évora	Portugal	Fontes Manuscritas e Impressas da Central Library of Pangim: Memória Linguística de uma região Lusófona	1.2
MARIA FLÁVIA BOLLELA / JOSÉ M GUEDES FILHO	Univ. de Franca Univ. de Taubaté	Brasil Brasil	O Português Rural do Brasil: uma variante dentre as variantes	1.2
Mª GABRIELA COSTA	Univ. Federal de Alagoas	Brasil	Os (Des) Caminhos De Caminha	1.6
MARIA DO SOCORRO PESSOA	Univ. Federal de Rondônia Vilhena / Univ. Aveiro, Aveiro	Brasil	A língua portuguesa no século XXI e a formação de professores para a variante brasileira: realidades e desafios no Portal da Amazônia	1.6
MARIA ZÉLIA BORGES	Univ Presbiteriana Mackenzie S. Paulo	Brasil	Português do Brasil: O Tupi e Línguas Africanas na constituição de seu léxico	1.2
MÁRCIA Regina T. da Encarnação	Univ. de S. Paulo	Brasil	Aspetos Linguísticos de comunidades tradicionais caiçaras brasileiras	1.2
MARTINHO MONTERO Santalha	Univ. de Vigo	Galiza	As pronúncias brasileira e galega frente ao padrão lisboeta com algumas reflexões sobre a unidade fónica	1.2

MOISÉS DE LEMOS MARTINS	Univ. do Minho	Portugal	da língua portuguesa A atualidade do combate linguístico. A sociedade da informação e a Lusofonia.	1.3
REGINA BRITO	Univ Presbiteriana Mackenzie / Instº Nacional de Linguística de Timor-Leste	Brasil	Sentidos e Sentimentos em torno da Lusofonia	1.2
ROSEMEIRE FACCIANA	Univ. Presbiteriana Mackenzie S. Paulo	Brasil	Questões de Políticas de Língua e de ensino de Português no Brasil na primeira metade do século XX	1.6
Henrique SALLES DA FONSECA	Blogue “A Bem Da Nação”	Portugal	Um convite ao significado	1.6
TAYO AJAYI	Portuguese Unit, Dept. of Foreign Languages, Lagos State University, Ojo, Lagos Nigéria	Nigéria	A Crioulização/Não-Crioulização do Português Brasileiro: a contribuição africana e as perspetivas do futuro	1.2
TEMA 2: HOMENAGEM A MIGUEL TORGA dia 5 de outubro				
ANA CRISTINA TAVARES	Esc. Sec. Gil Vicente / CLC / Univ. Lusófona Lisboa	Portugal	A tradução da obra de Torga, em França	2
CARLA GUERREIRO	Escola Superior Educação de Bragança IPB	Portugal	A obra diarística de Torga – um olhar reflexivo sobre o volume VI.	2
HAROLDO QUEIROGA	UEPB, Recife	Brasil	Torga, o canto do homem rural	2
Mª OLIVEIRA DE FRANÇA	PROLING - UFPB, RECIFE	Brasil	A Linguagem do Poeta Popular	2
PAULA ISABEL SANTOS / RUI FÁRIA	Univ. Fernando Pessoa, Porto	Portugal	Miguel Torga: de Trás-os-Montes para a Imortalidade	2
ZULEIDE DUARTE	Fac. de Letras, Univ. Porto / FCT	Portugal	O Popular e o Literário no Conto «A Festa» de Miguel Torga	2
ZULEIDE DUARTE	UEPB/ Funeso /UFPB (Proling) Recife	Brasil	A Experiência Do Exílio Em Miguel Torga	2
TEMA 3: TRADUÇÃO dia 3 de outubro				
LIANA SOFIA DE ASSUNÇÃO	Dept.º de Línguas e Cultura, Univ. de Aveiro	Portugal	Traição na tradução das Odes de Horácio: Autocensura em José Agostinho de Macedo	3.1
Mª. HELENA ANACLETO-MATIAS	Instº Sup. Contabilidade e Administração, Instº Politécnico Porto	Portugal	Paulo Coelho - Traduzido ou Traído n“A Bruxa de Portobello”?	3.1
RICARDO GIL SOEIRO	Centro de Estudos Comparatistas Fac. Letras Univ. de Lisboa	Portugal	Ruína e Esplendor depois de Babel: George Steiner e a arte da tradução	3.0

Devido ao elevado número de oradores nesta edição, restringiu-se o total de cada apresentação a 20 minutos (seguidos de 10-15 minutos de debate no fim de cada sessão, para perguntas e respostas aos oradores. Pede-se que sejam o mais breves possíveis nesse debate.

- Cada orador dispõe de **exatamente 20 minutos** para fazer a apresentação.
- Se quiser abdicar do diálogo (NO FINAL DA SESSÃO) com os assistentes (participantes presenciais) pode – no máximo – ter uma apresentação até **25 minutos**, *incluindo nestes a sua apresentação pelo moderador da sessão.*
- Somos sempre rigorosos com o cumprimento destes limites
- (NB: estes limites não são à moda portuguesa!) Se exceder o seu tempo está a prejudicar outros oradores, a reduzir o tempo para o debate e a atrasar os trabalhos do colóquio.

Temas

1 “O Português no século XXI, a variante brasileira.”

O tema central de 2007 é a Língua Portuguesa no século XXI: a variante brasileira. Subordinado ao título Língua Portuguesa no século XXI: a variante brasileira rumo ao futuro. *O risco real da separação ou não. Unificação ou diversificação: esta a agenda para as próximas décadas*, o Colóquio da Lusofonia 2007 irá debater o perigo de a variante brasileira se tornar numa língua própria e suas consequências, análise da situação, desenvolvimentos nos últimos anos, projetos e perspectivas presentes e futuras. Incluímos um segundo tema este ano em que celebraremos o centenário do nascimento de Miguel Torga. Por último, em debate estarão (como é habitual todos os anos) os problemas da Tradução, instrumento para perpetuar a Língua Portuguesa e manter a sua criatividade nos quatro cantos do mundo.

Língua Portuguesa no século XXI: a variante brasileira rumo ao futuro.

Subtemas:

- 1.1. De variante a língua própria. Riscos reais duma separação das variantes. A agenda para as próximas décadas.
- 1.2. A situação da língua - na CPLP e noutros fóruns - e a perspectiva do Brasil.
- 1.3. O presente e o futuro da lusofonia: Europeia ou Sul-americana? Vantagens e desvantagens. Análise comparativa e contrastiva.
- 1.4.- Literatura em língua portuguesa: devem traduzir-se as variantes?
- 1.5. - Para que serve um Acordo Ortográfico? Ninguém o quer e ninguém o cumpre?
- 1.6. Outras propostas de mérito científico MAS não totalmente abrangidas pelos pontos 1.1 a 1.5., embora relevantes para o colóquio deste ano.

2. Homenagem a Miguel Torga no centenário do seu nascimento

3. Tradução: Estudos de Tradução

Subtemas:

- 3.1. Tradutores ou Traidores?
 - 3.2. Novas metodologias de ensino
 - 3.3. Perspetivas
-

sinopses e biodados dos oradores

1. ALEXANDRE BANHOS

ALEXANDRE BANHOS Nascido na Galiza no 1954 licenciado em Sociologia pela Univ. Complutense (Madrid) e Master em Gestão da Formação pela UNED. Desde 1984 é associado da AGAL e tem participado com regularidade nas atividades da mesma, sendo por duas vezes membro do Conselho da AGAL, em junho deste ano foi eleito Presidente da AGAL. Desde os começos dos anos 70 do século passado está ligado a movimentos culturais e de ativismo social a prol da língua e dos direitos humanos dos galegos e nomeadamente os direitos linguísticos, havendo sido membro de múltiplas associações culturais, políticas e sociais ocupando nas mesmas diversidade de cargos.

AS FALAS GALEGAS E O PORTUGUÊS

Desde o ponto de vista da ciência linguística, galego e português formam o que em linguística se chama um diassistema, é dizer uma só língua, e as falas são variedades internas da língua.

Para exprimi-lo com mais exatidão as falas galegas são português.

Na intra-história moderna do galego há uma corrente de claro matiz regionalista, aceitadora da situação de subordinação à língua de Castela que tradicionalmente para ela o português não era mais que um irmão linguístico ainda que de muita utilidade. Mas em nenhum tratado de romanística ou de linguística se afirmava a separação linguística das falas galegas do português; porém Desde 1970 e sob o impulso das universidades espanholas essa a afirmação é um facto.

- Nos séculos escuros as palavras portuguesas também caminhavam para as falas galegas.

A comunhão das falas galegas e do português manteve-se nos séculos escuros apesar da prática desaparecimento da língua portuguesa escrita ao norte do rio Minho. O rexurdimento, o pronto descobrimento do português na Galiza. Que foi o rexurdimento, que sabiam da língua os autores, a comunicação com Portugal...

- 1870-1974, a construção do galego, duas linhas: a autónoma e a "lusista": Nas duas o galego é vivificado intensamente polo português. As falas galegas ainda têm uma grande uniformidade na sua superfície tem por baixo, quando nos mergulhamos nelas grande número de variantes locais e distinto jeito de se estar no mundo.

- O Galego das instituições autonómicas e o português. A construção do galego institucional e a sua extensão no sistema de ensino, o resultado.

- É viável algum galego na Galiza que não seja português? A naturalização do castelhano na Galiza, o galego na dialética castelhano – português. É possível a construção dum modelo de língua viável sem o português?

2. ANABELA MIMOSO

ANABELA BRITO CORREIA DE FREITAS MIMOSO, Licenciada em História, Mestre e doutora em Cultura Portuguesa, pela FLUP
anabelamimoso@hotmail.com

Autora de vasta obra publicada na área da Lit. Infantojuvenil; tradutora; coautora de manuais escolares para o ensino de Português do 5º,6º,7º,8º e 9º anos (Porto Editora); investigadora da área das Ciências da Educação. Faz parte dos corpos diretivos da Associação de Escritores de Gaia e da Associação Amigos do Solar dos Condes de Resende/Confraria Queirosiana. Tem feito comunicações em vários encontros de professores, escritores e bibliotecários, e feito animação em bibliotecas públicas (em Portugal e Galiza) e escolares, e participado em encontros com os alunos em escolas portuguesas e galegas. Fez parte dos projetos “Malas Viaxeiras” (2004/5), “Estafeta do Conto” (2006) e, “Pintar o Verde com Letras” (2007) da Delegação Norte do Ministério da Cultura

ONDE NOS LEVA A DIVERSIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA?

É verdade que a língua é um diassistema, no qual se inter-relacionam diversos sistemas e subsistemas. Isso não significa que a sua unidade seja posta em questão, pelo menos, enquanto todos os seus falantes se entenderem. É o que se passa em relação à língua portuguesa. Mas se as diferenças entre a norma escrita do Português do Brasil e a do Português europeu são mínimas, já o mesmo não se pode dizer quando temos em conta os dialetos, nomeadamente os da variante do PB, pois estes apresentam acentuadas diferenças entre si. Por isso mesmo, o que se afigura mais urgente a fazer será resolver o problema da unidade da língua dentro do próprio Brasil para que, a breve trecho, os próprios brasileiros não tenham dificuldades em se entenderem uns aos outros.

3. ANA CRISTINA TAVARES

ANA CRISTINA TAVARES, Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Franceses), pela Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa, no Ramo Educacional, foi Leitora de Língua e Cultura Portuguesas na Univ. de Dijon (França), entre setembro de 1991 e agosto de 1997, tendo sido enviada pelo Instituto Camões. Nessa universidade francesa fez o mestrado e o doutoramento em Literatura Comparada (Portuguesa e Francesa). Recentemente exerceu funções docentes, na situação de requisitada, na Licenciatura em Tradução e Interpretação da Univ. Lusófona de Lisboa, entre 2000 e 2006. Presentemente leciona na Escola Secundária de Gil Vicente, a cujo quadro pertence, e continua a fazer investigação na área da Crítica da Tradução Literária, no Centro de Línguas e Culturas da Univ. Lusófona de Lisboa. A autora tem várias publicações na área da Tradução e dos Estudos Literários e tem igualmente participado em vários eventos científicos nacionais e internacionais.

A TRADUÇÃO DA OBRA DE TORGA, EM FRANÇA

Neste estudo, faremos uma breve introdução em que situaremos o panorama geral da tradução dos autores lusófonos, no mundo. Em seguida, referiremos aspetos relativos à tradução específica da obra de Miguel Torga, em França, indicando passagens que podem colocar problemas, quer do ponto de vista do conteúdo, quer do ponto de vista estilístico e linguístico ou até de âmbito cultural. Assim, na nossa análise adotaremos vários aspetos metodológicos da Crítica da Tradução. Daremos uma ênfase especial à figura da tradutora, neste caso a Claire Cayron, a qual deu a conhecer a obra monumental de Torga, em França, e à qual dedicou grande parte do seu labor e vida.

4. ANDREIA ROSMANINHO

ANDREIA ROSMANINHO Possui graduação em Comunicação Social – Jornalismo, pela Univ. Metodista de São Paulo (2000). Atualmente é assistente de projetos da Univ. Presbiteriana Mackenzie. Está cursando o terceiro semestre do Doutorado em Letras, pela Univ. Presbiteriana Mackenzie – Brasil –, e pela Univ. do Porto – Portugal. Tem experiência académica e profissional nas áreas de Letras e de Jornalismo, com ênfase em Literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: jornalismo literário, literatura de não ficção, literariedade, interdiscursividade e análise do discurso. Em 2006, publicou o livro *Euclides da Cunha e Os Sertões: da matéria bruta à obra lapidar*, fruto de sua tese de Mestrado.

O OLHAR LUSÓFONO NA CONSTRUÇÃO DO “OUTRO” EM O EGITO, DE EÇA DE QUEIRÓS

Este estudo, intitulado *A construção do “outro” em O Egito*, tem por objetivo tratar dos aspetos inerentes à Literatura de Viagens como área de estudos, tomando-se como base a produção da obra *Egito – notas de viagem*, de Eça de Queirós.

Partindo de uma reflexão acerca da pertinência e das potencialidades de um género híbrido, que é a Literatura de Viagens, pretende-se em um primeiro momento delinear a poética do género para, a seguir, trabalhar a construção de imagens em torno do “outro” estrangeiro, recorrendo a um corpus constituído por recortes da narrativa de viagem que deu origem à referida obra.

Para dar conta do tema, o estudo será dividido entre a parte teórica e a parte analítica, e estruturado de acordo com a seguinte intertitulação:

1. A Literatura de Viagens e a imagologia:

1.1. A viagem e seu relato como práticas culturais do século XIX: género de fronteira e hibridismo discursivo,

1.2. A imagologia e os aspetos do contexto sociocultural,

2. A viagem ao Egito e o registo queirosiano: aspetos que integram a obra na poética da área de estudos mediante recortes de elementos reveladores de pertença ao género,

2.1. Notas prévias e discurso pictórico: estabelecimento de protocolos de leitura e atitude de “pintar com palavras”,

2.2. O Egito como narrativa de viagem: a representação do “outro” e a relação identidade/alteridade na obra,

2.3. A representação da mulher,

3. Conclusão: A representação do “outro” estrangeiro como elemento delimitador de uma atitude comparativa de base.

De acordo com o que foi já mencionado, o trabalho irá apoiar-se nos estudos de imagologia, teoria amparada pelo pressuposto de que: “estudar como se escrevem diversas imagens do estrangeiro é estudar os fundamentos e os mecanismos ideológicos sobre os quais se constroem a axiomática da alteridade e o discurso sobre o “outro” (PAGEAUX, p.138). Assim, Eça “observa” o “outro”, mas a imagem desse “outro” veicula também a imagem de si próprio: um homem lusófono, europeu e civilizado.

5. ÂNGELO CRISTÓVÃO

Empresário, licenciado em Psicologia, nasceu em Santiago de Compostela em 1965. Responsável pela página web «www.lusografia.org». Atualmente exerce a função de secretário da Associação de Amizade Galiza-Portugal.

Alguns artigos e comunicações:

1988a: «Identidade linguística na Galiza espanhola», in *Nós*, n.º 16-20, pp. 139-146.

1988b: «Uma escala de atitudes perante o uso da língua», in *Agália*, n.º 14 (verão), pp. 157-177.

1988c: «Considerações sobre as atitudes face à língua na Galiza», in *Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística*, vol. IV-V, núm. 14-20, pp. 123-127.

1989: «Aspetos sociolinguísticos da problemática linguística e nacional na Galiza Espanhola», in *Atas do II Congresso da Língua Galego-Portuguesa na Galiza*, Ourense, pp. 237-254.

1990: «Bibliografía de Sociolinguística lusófona», in *Temas do Ensino de Linguística e Sociolinguística*, vol. VI, n.º. 21-26, pp. 71-99; in *Noves de Sociolinguística*, n.º. 9, Barcelona, pp. 3-33.

1991: «A eficácia da goma de mascar (Nicorette) no abandono do tabagismo», inédito.

1992: «Language Planning: Atitudes», in *Atas do «I Congreso de Planificación Lingüística»*, Santiago de Compostela, pp. 383-400.

1994: «Medição de variáveis: competência e uso linguístico», in *Cadernos do Instituto de Estudos Luso-Galaicos "Manuel Rodrigues Lapa - Ricardo Carvalho Calero"*. Associação de Amizade Galiza-Portugal, Série "Investigação". vol. I, Comunicações suprimidas, n.º. 2.

2003: «Paradoxos da Galiza», *Semanário Transmontano*, 3 de julho.

2004: «Questione della língua: introdução e bibliografia», in: <http://www.lusografia.org/cristovao-questione.htm>

2004 (org) Lluís V. Aracil: *Do latim às línguas nacionais: introdução à história social das línguas europeias*. Associação de Amizade Galiza-Portugal, Braga.

2005: «A República Literária e a Lusofonia Semelhanças, diferenças e exemplos», comunicação ao IV Colóquio anual da Lusofonia. Bragança, 3, 4 outubro. Reproduzido em <http://www.questione.org/node/view/413>

A POSIÇÃO GALEGA ANTE OS ACORDOS ORTOGRÁFICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Galiza participou nos Acordos Ortográficos de 1986 (Rio de Janeiro), e 1990 (Lisboa) através de uma Delegação de Observadores, participando nas sessões de trabalho, aderindo às declarações finais e aplicando os critérios gráficos aprovado.

Na nossa comunicação analisamos a posição desta Delegação através das suas publicações e comunicados, no seu contexto histórico. Estudamos também as atuações de diversas associações reintegracionistas galegas afastadas da linha do Acordo Ortográfico, como também as dos sucessivos governos autónomos da Galiza. Através da bibliografia existente, desvendamos os discursos e ideologias linguísticas que sustentam as posições pró e antiacordo.

Finalmente, valorizamos alguns aspetos do Acordo de 1990 que, no nosso entender, podem facilitar a construção de uma política linguística para a unidade da língua portuguesa.

6. ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ

ANTÓNIO GIL HERNÁNDEZ, nado em Valhadolid (“Comunidad de Castilla y León” no “Reino de Espanha”) em 1941, viveu na Galiza, nomeadamente em Acrunha (ou Corunha), desde 1969. É licenciado em “Filosofía y Letras”, secção Românicas, subsecção Espanhol. Exerceu a docência no Colégio Universitário de Acrunha, dependente então da Univ. de Compostela, como professor contratado. Hoje ministra aulas no Liceu Salvador de Madariaga, também em Acrunha, a estudantes do Ensino Secundário para Adultos (E.S.A.).

Começou a colaborar nos COLÓQUIOS DA LUSOFONIA em 2006, ‘Do Reino da Galiza até aos nossos dias: a língua portuguesa na Galiza’, com a comunicação intitulada «Aos 100 anos da Real Academia Gallega de la Coruña Mais uma análise de discurso.»

Teve a sorte de que lhe publicassem vários livros, de sucesso desigual: ‘Que galego na escola?’ e ‘Silêncio ergueito’ (pelas Eds. do Castro). No primeiro, em colaboração, expõe as denominadas «Teses reintegracionistas” ou, como disse o saudoso Prof. R. Lapa, “integracionistas” das falas galegas à língua comum, portuguesa. O segundo é compilação de artigos jornalísticos publicados entre 1979 e 1982.

Em 2005, a Associação de Amizade Galiza-Portugal publica-lhe ‘Temas de Linguística Política, seguidos dum avanço de Temas de Política Linguística. Leves reflexões sobre política nacional “espanhola”’.

É editor da 'Obra seleta (poesia e ensaio)' de João Vicente Biqueira, publicada, em 1998, como núms, 43-46 de 'Cadernos do Povo. Revista Internacional da Lusofonia'.

Tem também poemários: 'Baralha de sonhos' (1985), 'Luzes e espírito' (1990) e, em volume coletivo, 'Só para falar de amor' (1991).

FASES PSICO-GLOTO-POLÍTICAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO (OU DE DESTRUIÇÃO) DUMA COMUNIDADE NACIONAL: REFLEXÕES BREVES DESDE A GALIZA

Apenas pretendo refletir sumariamente e desde a situação glotopolítica da Galiza (espanhola, compreendida nas "Comunidades Autónomas" de "Galícia", de "Castilla y León" e de "Astúrias") como é que um estado (ao caso, o "Reino de Espanha") constrói e vertebra a sua "nación" em detrimento das nações ou dos segmentos nacionais, submetidos nele e a ele. Deixo de lado os aspetos não comunicacionais (se algum houver). Atendo em exclusivo às que considero fases logicamente distintas, seguidas no processo de construção (e, correlativamente, de destruição) da Comunidade Nacional ("Espanha" e, correlativamente, a Galiza).

Distingo três: A) Abstração B) Idealização C) Simbolização.

Neste texto tento definir estes conceitos e oferecer exemplos que esclareçam as definições dadas. Faço-o distinguindo três níveis, referidos de vez ao pessoal e social, que, a meu ver, constitui o propriamente político: 1.º O psíquico ou individual 2.º O estritamente (?) linguístico ou verbal 3.º O político, deveras objetivo ou meta dos precedentes no processo "nacionalizador" (ou desnacionalizador).

7. CARLOS LUNA

CARLOS EDUARDO DA CRUZ LUNA Nascido a 16 de março de 1956. Alentejano, nascido acidentalmente em Lisboa. A sua juventude foi passada na Vidigueira, em Avis, e em Estremoz, terra dos seus pais, e onde ele próprio reside. Desde jovem, mostrou-se um apaixonado por História, à mistura com causas políticas (o que era perigoso então), sociais, e atividades culturais. Participou na Campanha Eleitoral de 1973 pela C.D.E. Continuou um apaixonado pela política e por grandes causas (ou por ele tidas como tais...). Militando à esquerda, quis mudar o Mundo. E ainda não desistiu... Formou-se em História, enquanto lecionava a mesma disciplina. Professor é a sua profissão. Nunca teve outra, aliás. Curioso, entusiasta da Cultura, tem feito inúmeros estudos e investigações, e publicados vários trabalhos. Desde 1986, e principalmente 1988, começou a deslocar-se a Olivença, sozinho ou com a família. Acabou por se apaixonar pela localidade e pelo seu termo, bem como pelos seus mistérios, segredos e "tabus". Começou a estudar a realidade oliventina a todos os níveis, descobrindo todo um mundo... onde infelizmente nem tudo eram rosas, e os espinhos eram, por vezes, bastante perturbadores. Bate-se para que se fale e discuta Olivença. Sem os inúmeros preconceitos que rodeiam este tema. Na vertente cultural, tem observado a situação da Língua Portuguesa na Região. Com preocupação. Recentes Estudos Científicos (2001 e 2007) vieram reforçar as suas apreensões. Igualmente reforçaram a sua determinação em fazer algo. Porque um dos seus lemas está condensado numa quadra do poeta popular algarvio António Aleixo:

Que importa perder a vida
em luta contra a traição,
se a razão, mesmo vencida,
não deixa de ser razão!

Ou, por outras palavras, parafraseando Descartes, "penso, logo insisto".

A SITUAÇÃO DO PORTUGUÊS EM OLIVENÇA

Em 1840, trinta e nove anos após a ocupação espanhola (1801), o Português foi proibido em Olivença, inclusivamente nas Igrejas. Já em 1805, as Atas da Câmara tinha começado a ser redigidas em Castelhana. Algumas elites foram aceitando o castelhana. O Português foi-se mantendo principalmente a nível popular, numa toada alentejana, que logo as autoridades classificaram como "chaporreo", palavra de difícil tradução (talvez "patois"; talvez "deturpação"), que criou complexos de inferioridade nos utilizadores. O hábito e o amor-próprio levavam o oliventino a "saltar" do castelhana para o português. De tal forma que, depois de duzentos anos de pressão, ele ainda é entendido e falado por cerca de, pelo menos, 35% da população, segundo cálculos da União Europeia (Programa Mosaïc). Como sucede, contudo, nestes casos, em qualquer ponto do Globo, o Português foi perdendo prestígio. Não sendo utilizado nunca em documentos oficiais, na toponímia (salvo se traduzido e deturpado), ou em qualquer outra situação que refletisse a dignidade de um idioma, manteve-se, discretamente. A Televisão e a Rádio vieram aumentar a pressão sobre o seu uso e compreensão. A Ditadura Franquista acentuou a castelhanização. Agora oficialmente, o Português era uma Língua de quem não tinha...educação! Em 1999/2000, a Embaixada de Portugal em Madrid, e o Instituto Camões, passam a apoiar o ensino do Português no Ensino Primário em todas as Escolas de Olivença. Aproveite-se para dizer ser urgente acudir a Tália, outrora parte do Concelho de Olivença, onde só 10% da população ainda tem algo a ver com a Língua de Camões. Mas este primeiro passo não se tem revelado suficiente. O Estado Português deverá tentar influenciar a tomada de outras medidas, dada até a sua posição sobre o Direito de Soberania sobre Olivença: o ensino da História (que não é feito em parte nenhuma em Olivença), por exemplo; o estudo do Português-Alentejano falado em Olivença, e ligação do mesmo ao Português-Padrão ensinado nas Escolas; a utilização prática da Língua, em documentos oficiais, toponímia, etc. a continuação do Estudo do Português até níveis de ensino mais avançados! Nem a Portugal nem a Espanha se poderá perdoar deixar morrer uma cultura! Acima de tudo, é preciso dar ao Português dignidade... e utilidade. O Primeiro passo poderá ser um Congresso, ou umas Jornadas, ou um Encontro, sobre o tema, que reúna a participação de especialistas e autoridades das mais diferentes origens, unidos pela sua boa vontade... Estremoz, 11 de julho de 2007

8. ELISA GUIMARÃES

ELISA GUIMARÃES Doutora em letras pela Univ. de São Paulo, onde ministra cursos sobre Língua Portuguesa no Dept.º de Letras Clássicas e Vernáculas. Professora titular do Programa de Pós Graduação da Univ. Presbiteriana Mackenzie. Aí ministra cursos sobre "Procedimentos de constituição do texto", bem como orienta Mestrandos, Doutorandos e alunos de TGI. Tem publicado pela Editora Ática o livro A articulação do texto, em 13ª ed., vários artigos em periódicos no Brasil e no exterior. Vem participando com frequência de congressos, também no Brasil e no exterior, com apresentação de trabalhos ligados à sua área de pesquisa.

JOSÉ DE ALENCAR E O REFERENCIAL teórico LINGUÍSTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Este estudo propõe-se demonstrar o pioneirismo de José de Alencar como um dos iniciadores da reflexão acerca do fazer literário e da natureza da Língua. Fundamentado em trechos da obra do autor - polémicas, depoimentos, prefácios, posfácios, cartas - o estudo mostrará que, no que diz respeito mais estritamente à Língua, José de Alencar, como os demais românticos, foi mais ousado na teoria do que na prática. A rebeldia às formas e aos princípios do classicismo – componente do ideário romântico - dificilmente se patenteia na expressão de

Alencar, conservadora e nativista ao mesmo tempo. Assim, atém-se frequentemente à linguagem clássica, o que contraria, aliás, seu comentário acerca de que " a principal condição do estilo é sua concisa simplicidade".

9. GERARDO UZ

10. JÉSSICA BEIROA

GERARDO UZ: (Galiza) licenciado em Jornalismo pela Univ. de Santiago de Compostela (Galiza), onde se especializou em Jornalismo Eletrónico e Multimédia e posteriormente em Jornalismo Audiovisual. Trabalhou na Agência Galega de Notícias e na Rádio Galega (departamento de Informativos e departamento de Programas). Atualmente é responsável de imprensa do grupo compostelano da Associação Galega da Língua (AGAL) e forma parte dos conselhos de redação do periódico mensal Novas da Galiza e do Portal Galego da Língua (www.agal-gz.org). Forma parte do Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz (IGESIP, www.igesip.org) e da UNIAT-Plataforma para o Desenvolvimento (www.uniat.org).

JÉSSICA BEIROA: (Galiza) licenciada em Jornalismo pela Univ. de Santiago de Compostela, onde se especializou em Jornalismo Audiovisual e posteriormente em Jornalismo Eletrónico e Multimédia. Trabalhou na Agência Galega de Notícias, no periódico digital Vieiros.com, ademais de colaborações em diferentes meios especializados assim como a produtora audiovisual Ivisa TV. Atualmente realiza o doutoramento em Letras na Univ. de Santiago de Compostela (Galiza) e trabalha para Via Láctea Comunicación e o jornal digital Vieiros. Forma parte do Instituto Galego de Estudos de Segurança Internacional e da Paz (IGESIP, www.igesip.org), do que é subdiretora do Núcleo de Estudos Mediáticos; e da UNIAT-Plataforma para o Desenvolvimento (www.uniat.org).

VERTEBRAÇÃO DA LUSOFONIA: EUROPEIA OU AMERICANA? UMA APROXIMAÇÃO DESDE A Perspetiva DA MÍDIA DIGITAL

A Lusofonia, o «conjunto de identidades culturais existentes em países falantes da língua portuguesa» é dos poucos grandes conceitos linguísticos com certo sucesso e muito estendidos em diferentes âmbitos. Por pôr um exemplo, o único conceito similar capaz de lhe fazer sombra é o de Francofonia (Francophonie), e decerto encontra-se muito mais vivo na linguagem comum do que Hispanofonia ou Anglofonia (Anglophony). Porém, que repercussões têm este conceito na forma de agirem os meios de comunicação em português? Utiliza-se este conceito como referência à hora de redigir estas informações, ou é mais bem um ponto ao qual se pretende chegar? O objeto desta comunicação é tentar dar resposta a estas duas questões. Para isso, utilizamos como sujeitos de estudo meios de comunicação digitais. O motivo desta escolha encontramos-lo na sua orientação global —estão na internet e, pois, em contacto com todo o mundo—.

A situação privilegiada deveria fazer com que fossem os lugares onde mais viva estivesse a ideia da Lusofonia e mais ativas fossem as implicações que este conceito tivesse na focagem das informações sobre países lusófonos; uns países cujo relacionamento, as mais das vezes, não passa da retórica política ou de transações comerciais, existindo entre as suas populações um grande desconhecimento recíproco.

Ao largo desta análise — que intentámos restringir àqueles aspetos ‘novidosos’ ou ‘diferenciadores’, procurando obviar os repetitivos para não resultarmos maçadores — observamos com preocupação o facto de a tão cacarejada Lusofonia carecer de importância como tal na grande maioria dos meios de comunicação digitais que analisámos. Se nos meios digitais, os mais (inter/intra) conetados com o resto do

mundo não se tendem pontes para a construção da Lusofonia, aonde imos? Não estamos a falar já apenas da integração das notícias de atualidade lusófona nas agendas informativas, mas ao menos do gesto doado que implica colocar algumas hiperligações nos sítios web.+ Resulta surpreendente o facto de nas principais potências lusófonas, por história Portugal e por demografia o Brasil, viverem de costas à Lusofonia — mais preocupante no caso brasileiro —. Considerando isto, é desnecessário o debate tantas vezes iniciado referente a se a Lusofonia devia ter um eixo europeu — com — ou americano — no Brasil —, já que esta experiência evidencia o nulo interesse prático do conceito em ambos extremos do Atlântico. Realmente, o conceito Lusofonia parece ter maior importância para aquelas nações e territórios que têm no idioma português o principal elemento identitário face às tentativas de absorção/diluição cultural. Estamos a falar da Galiza, da Macau e do Timor-Leste. Seria, portanto, um conceito de chegada e não um ponto de saída.

11. CARLA GUERREIRO

CARLA ALEXANDRA FERREIRA DO ESPÍRITO SANTO GUERREIRO é Docente do Dept.º de Português da ESEB, Instituto Politécnico de Bragança, desde dezembro de 1999. Licenciada em Português Inglês (Ensino de) com média de estágio de 16 valores, pela Univ. de Trás-os-Montes e Alto Douro, curso que concluiu em 1993/94, é mestra na área da Teoria da Literatura, pela mesma universidade, defendendo em janeiro de 2003 a Tese: A Mundividência Infantil na Obra de Guerra Junqueiro. Atualmente encontra-se a desenvolver trabalho de doutoramento na área da Literatura Portuguesa-Literatura para a Infância. Na ESEB tem sido, de há 8 anos a esta parte, responsável por cadeiras de língua portuguesa e Literatura Infantil e Juvenil dos cursos de Formação Inicial de Educação de Infância e Professores do Ensino Básico. Tem dinamizado vários projetos, em parceria com o Espaço Lúdico-Infantil da ESEB e as Escolas do Ensino Pré-Escolar, 1º Ciclo e 2º Ciclo do Distrito de Bragança, na área da leitura. Colaborando com o Plano Nacional de Leitura: Ler Mais.

A ESCRITA DIARÍSTICA DE MIGUEL TORGA: UM OLHAR REFLEXIVO SOBRE O DIÁRIO VI

Se é verdade que existe um problemática literária do diário íntimo, ela torna-se mais flagrante na época contemporânea, em que o autor, ao escrever o diário, sabe, à partida, que ele vai ser publicado, assumindo a publicidade das suas confidências e mesmo da sua publicação ainda em vida. É o caso do escritor sobre o qual refletiremos, Miguel Torga.

O diário íntimo é um ato fundamental de afirmação de uma pessoa, ele é destruidor de toda e qualquer ficção, na medida em que destrói a noção de personagem, que se dilui no eu.

A escrita diarística caracteriza-se por uma contenção expressiva próxima da linguagem poética ou aforismo (como é visível no Diário de Torga, em que textos poéticos e em prosa se complementam, contribuindo para a singularidade da obra). No diário, o tempo é apresentado no seu fluir, a emergir e a sumir-se e não há capítulo final porque todos o são e nenhum o é. Nenhuma imagem é definitiva, apenas reflexo de uma ansiedade que nunca se extingue.

Ao contrário da autobiografia, que é una, o diário é plural e como que é constituído por mil e uma biografias, sempre repetidas e inacabadas.

O volume VI do *Diário* de Torga, obra representativa da sua obra diarística, é escrito num estilo clássico e conciso em que nada é deixado ao acaso, oferecendo uma sensação de unidade acabada. O seu *Diário* é a expressão de uma época e itinerário de um homem português, com os seus tormentos e ilusões,

Torga é um homem empenhado nas realidades do seu tempo, condição de que dá abundantes provas, jamais se escusando a participar plenamente nas realidades social e política que lhe couberam viver. De resto, todas as páginas da sua obra diarística serão testemunho dessa forma de orgulho, que ele quis manter até ao fim.

12. HAROLDO QUEIROGA

JOSÉ HAROLDO NAZARÉ QUEIROGA é natural de Souza na Paraíba. Mestre em Teoria da Literatura com a dissertação sobre Florbela Espanca. Leciona Literatura Portuguesa na UEPB (Univ. Estadual da Paraíba). Tem artigos publicados em livros e revistas. Cursa o doutorado no Proling-FUNESO/UFPB.

MIGUEL TORGA, O CANTO DO HOMEM RURAL (DO CAMPO)

O trabalho se debruça sobre a temática do campo na obra de Miguel Torga, identificação fundamental do homem Adolfo Rocha, cuja intimidade com o homem simples e sua ligação com a terra se espraia pela sua obra poética e ficcional. O autor que "...só repar(ou) o erro da lavoura/quando o sol aloirava o desengano"(Ceifa) estabelece um estreito diálogo com o universo rural e viabiliza o surgimento das muitas vozes discursivas, tal como as estuda Mikhail Bakhtine. O conceito da multivocidade discursiva aliado aos estudos de tematologia pelo viés de Tynianov orienta o estudo proposto.

13. JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA

JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA é Doutora em Letras, na área de Linguística Histórica, pela Univ. Federal do Rio de Janeiro. É professora e pesquisadora de Língua Portuguesa e de Linguística da Univ. Estadual de Feira de Santana (Bahia) e atua nas áreas de Sociolinguística, Linguística Histórica, Gramaticalização e Linguística Contrastiva.

PORTUGUÊS DO BRASIL E PORTUGUÊS DE PORTUGAL: TEMOS O MESMO FUTURO?

Em língua portuguesa, a expressão do futuro verbal é variável e pode ser realizada de várias formas: a) futuro simples (viajarei amanhã); b) futuro perifrástico com ir + infinitivo (vou viajar amanhã ou irei viajar amanhã); c) futuro perifrástico com haver + infinitivo (hei de viajar amanhã ou haverei de viajar amanhã); d) presente (viajo amanhã).

Vários estudos têm atestado esse fenômeno variável ao longo da história da língua portuguesa e apontam para a implementação da forma perifrástica com ir + infinitivo como possível substituta da forma de futuro simples (LIMA, 2001; MALVAR, 2003; OLIVEIRA, 2006).

Este estudo, comparando dados do português brasileiro e do português lusitano coletados em jornais do século XXI do Brasil e de Portugal, mostra uma análise contrastiva dessas duas variedades para verificar se o fator geográfico interfere nesse fenômeno.

Para tanto, seguindo a linha da sociolinguística laboviana, são consideradas as ocorrências de expressão do futuro verbal em dois jornais de Lisboa (O Público e Correio da Manhã) e em dois jornais de Salvador – Bahia (A Tarde e Tribuna da Bahia), representativos, em ambas as cidades, respetivamente, de um estilo mais formal e de um estilo mais informal. Nesta pesquisa, são controlados fatores linguísticos e extralinguísticos e considera-se a hipótese da gramaticalização, nos moldes propostos por Hopper & Traugott (2003), da forma perifrástica com ir + infinitivo.

Objetiva-se, assim, verificar em que estágio se encontra o processo de mudança futuro simples > futuro perifrástico e que fatores atuam em cada uma das variedades consideradas (Brasil e Portugal).

14. JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS

JUCÉLIA FERREIRA LOEBENS, Brasileira, Doutoranda em Literaturas Comparadas pela Univ. de Alcalá de Henares – Madrid – Espanha. Especialista em Leitura e Produção de Textos no Ensino da Língua Portuguesa, pelo Centro Universitário Ritter do Reis- Porto Alegre -RS, Graduada em Letras Licenciatura Plena, pela Univ. de Passo Fundo – RS – Brasil. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa e Brasileira em Escolas do Governo Estadual, há mais de dez anos. Atualmente professora de Português como Língua estrangeira para executivos, na Espanha. Com artigos publicados em Espanha e no Brasil. E apresentações de trabalhos em diversos congressos importantes. Alguns trabalhos:

1. FERREIRA LOEBENS, Jucélia, Jabelufa, Sérgio. *A interferência da língua portuguesa na aprendizagem da língua espanhola. Sessões de Comunicações Integradas Línguas Estrangeiras - SELES – SELM – Univ. de Passo Fundo – RS. (outubro/2006).*

www.upf.br/selesselm/arquivos/7SessoesDeComunicacaoeIntegradasDia24.pdf

2. Ferreira Loebens, Jucélia. *Leyendas urbanas y rurales de Brasil contadas por brasileños que viven en Alcalá de Henares, Madrid. Culturas Populares. Revista Eletrónica 1 (enero-abril 2006). ISSN 1886-5623.*

<http://www.culturaspopulares.org/textos%20I-1/articulos/Ferreira.htm>

3. Ferreira Loebens, Jucélia. *Escrituras Populares y españolas: las carpetas de adolescentes desde una perspectiva comparatista. El Filandar/O Fiandeiro. Publicación de Cultura Tradicional, n. 16. Asociación Etnográfica Bajo Duero (Zamora) –2005. Pp.16 a 20.*

4. ARALDI, Lilian C., FERREIRA LOEBENS, Jucélia. *Intertextualidade: uma prática de respeito às diferenças. Anais: II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação: racionalidade e tolerância. II Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação. (Passo Fundo – RS) 2005. Pp.1 a 8.*

ISBN - 85-7515-333-1

5. Ferreira Loebens, Jucélia. *“Alma desnuda”. Pétalos de Pasión. Antología Poética. Centro de Estudios Poéticos. Ed. Mecopress, Madrid, 2006.p.181.*

6. FERREIRA LOEBENS, Jucélia. *La descripción de la mujer en Don Quijote y Vinicius de Moraes: comparaciones a través de la mirada intertextual. Liceus – El portal de las Humanidades.*

http://www.liceus.com/cgi-bin/ac/pu/Jucelia_Ferreira_mirada.asp

ALGUMAS VARIANTES DA LÍNGUA PORTUGUESA EM PORTUGAL E NO BRASIL, INSERIDAS NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA E ADÉLIA PRADO: SOB UMA Perspetiva DA LITERATURA COMPARADA.

A Língua Portuguesa desenvolve diferentes vocábulos e/ou aceções em cada lugar, onde a nossa última flor do Lácio, diria Bilac, é falada. Nesta proposição de trabalho, pretendo dar a conhecer algumas variantes da Língua, encontradas na poesia da Portuguesa Florbela Espanca (1894 – 1930), e respetivamente na da Brasileira Adélia Prado, nascida (1935) e residente no Brasil. Em que pese a relativa distância temporal, apresento algumas observações semânticas e lexicais e proponho uma análise sob a luz da Literatura Comparada.

15. LIANA SOFIA DE ASSUNÇÃO

Nascida em 1981, no Concelho de Chaves, Liana Sofia de Assunção licenciou-se em Português Latim e Grego (ensino de) pela Univ.de Aveiro, no ano de 2004. Frequentou o ano curricular do Mestrado em Estudos Clássicos, na Univ. de Aveiro, no ano letivo 2004/2005. Atualmente, encontra-se a realizar investigação na área de Literatura Latina, no âmbito da sua tese de doutoramento, a decorrer na mesma

instituição, sob orientação do Professor Doutor Carlos de Miguel Mora, sendo bolsista pela Fundação para a Ciência e Tecnologia desde 2005. É, também, membro da Linha de Investigação de Filologia Clássica, do Dept.º de Línguas e Culturas dessa mesma universidade.

TRAIÇÃO NA TRADUÇÃO DAS ODES DE HORÁCIO: AUTOCENSURA EM JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

A noção de fidelidade em tradução tem ocupado o centro da discussão entre os teóricos e os profissionais desta área ao longo de vários séculos. A conceção de que o tradutor deve assumir-se como um intérprete fiel do texto original, respeitando, primeiramente, o seu sentido e atendendo, de seguida, ao estilo em que está construído, predominou até à atualidade. No entanto, apesar de ser um ideal preconizado pela maioria dos tradutores, na prática, não se revela muito efetivo, uma vez que existem vários fatores que contribuem para a complexidade da tradução, tais como o distanciamento espaciotemporal e ou cultural e a subjetividade inerente à própria tarefa do tradutor, enquanto intérprete mediador entre o Texto Original e o Texto Traduzido.

Além destes fatores, externos e involuntários, a corrupção da fidelidade pode ainda resultar de um ato voluntário e consciente do próprio autor, como iremos mostrar neste trabalho, a partir da tradução portuguesa do século XIX que José Agostinho de Macedo apresenta de algumas *Odes* de Horácio. Tendo sido frade, Agostinho de Macedo conserva um certo prurido religioso e moral, conforme ele reconhece no prefácio à obra, onde assume sacrificar o sentido de alguns textos ou passagens em prol da moral e da modéstia. Este estudo pretende abordar alguns poemas de temática amorosa, procurando evidenciar esse processo de autocensura do tradutor e os mecanismos utilizados para esse fim, que podem ir de uma tradução desvirtuada até à completa omissão de termos ou expressões com conotação erótica.

16. LINO MOREIRA DA SILVA

é professor no Instituto de Educação e Psicologia da Univ. do Minho e presença habitual nos Colóquios .

Fatores DE DIVERSIDADE, IDENTIDADE E UNIDADE E DEFINIÇÃO DE UMA POLÍTICA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA

Ao império português, podem ser imputados méritos e deméritos, como a qualquer outro dos impérios formados por países europeus, nos séculos XV e XVI. Se os deméritos (os erros) devem ser denunciados (ainda que considerados no relativismo do seu tempo e condições), os méritos terão de ser, igualmente, relevados. Entre estes últimos, ocupa lugar de destaque a expansão natural da Língua Portuguesa - levada de Portugal, nos Descobrimentos, para os espaços mais longínquos do planeta -, sobretudo por aquilo que ela veio a significar para a comunicação e a união entre povos e a preservação das suas culturas. Tal circunstância, se levantou dificuldades à conservação "purista" da língua, trouxe vantagens para a sua evolução, tornando-se, enquanto língua materna, mas também como língua segunda, fator de identidade para aqueles que a falaram e a falam. Mesmo assim, não podem ser dispensados cuidados especiais com a unidade da língua. Esse esforço foi desenvolvido logo pelas primeiras gramáticas do Português, elaboradas no século XVI, que surgiram como resposta à necessidade de a língua, não obstante a sua expansão, ser preservada. Ora, hoje, essa necessidade não apenas permanece como até se agravou, de modo que, falando-se insistentemente numa "política para a Língua Portuguesa", não se pode deixar de considerar, relativamente a ela, o papel desempenhado pelos fatores de diversidade (geradores de identidade) e de unidade. Como elemento de tal política, tem-se apontado como essencial o Acordo Ortográfico, aprovado em 1990, mas ainda não ratificado por todos os países da CPLP, e por isso mesmo não tendo entrado ainda em vigor. Todavia, isso não se afigura suficiente. Mais que normativos ou intenções, o que se espera que integre tal política é, sem dúvida, um plano conjunto participado que conduza diretamente à ação. Nesse sentido, e considerando que se contribui eficazmente

para uma política de língua para o Português, não apenas por vias diretas, mas também indiretas, o autor da presente comunicação propõe-se refletir acerca de alguns dos pontos que considera basilares na definição de uma "política para a Língua Portuguesa", repartindo-os por: a) fatores externos à língua: atitude, interação cultural, interação educativa, promoção do mercado do livro e da edição, interconhecimento, anulação de bloqueios ao conhecimento mútuo, apoio às comunidades de Língua Portuguesa, criação de leitorados e cursos do Português, incutição de visibilidade à língua (música, cinema, artes em geral, investigação, conhecimento científico, tecnologia, saberes.), estímulo à cooperação e à interação, à "expressão externa" a uma voz, promoção da interação (económica, industrial e comercial), instituição de uma biblioteca das culturas em Língua Portuguesa, atenção a modos de racionalizar custos; e, decorrentes dos anteriores, b) fatores internos à língua (valorização da língua, promoção da língua, reformulação dos programas de ensino do Português, promoção da introdução do ensino do Português nos sistemas nacionais de ensino de países terceiros, criação de materiais de apoio, promoção de estudos, promoção da alfabetização e da literacia, difusão da língua). Não sendo fácil, e muito menos de efeitos imediatos, a intervenção nestes domínios, ela não deixa de ser indispensável, tanto para a preservação da língua comum (referência que é, para 8 países, e para cerca de duzentos e cinquenta milhões de pessoas), como para a construção de tudo aquilo que, a pretexto dessa língua comum, é hoje possível e necessário construir, no sentido da interação, da cooperação e do desenvolvimento de todos aqueles que a falam.

17. *LOLA GERALDES XAVIER (LOLA@ESEC.PT)*

LOLA GERALDES XAVIER tem uma licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Português-Francês, ramo de formação educacional, pela Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra (FLUC, 1997); mestrado em Literatura Portuguesa, com uma dissertação sobre o teatro de Garrett (FLUC, 2001); pós-graduação em Literaturas e Culturas Africanas e da Diáspora (FLUC, 2003) e doutoramento na área de Literatura (Comparada de Língua Portuguesa), pela Univ. de Aveiro (2007).

Lecionou no ensino básico e secundário (1996-1999) e na FLUC (cursos de Português para estrangeiros: 1998-2002).

É assistente na Escola Superior de Educação de Coimbra, na área científica de Língua Portuguesa, desde 2000.

Publicou *Deleitar e Instruir: a Dramaturgia de Almeida Garrett*, Mangualde, Edições Pedagogo (2005) e coorganizou um volume dedicado aos estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: LARANJEIRA, Pires, SIMÕES, Maria João, XAVIER, Lola GERALDES (org.), *Cinco Povos Cinco Nações*, Lisboa, Novo Imbondeiro (2007). Tem publicado vários artigos em revistas científicas nacionais e internacionais e apresentado comunicações em vários Congressos nas áreas de Literatura Portuguesa, Literatura Comparada, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, didática da Literatura e Linguística. Pertence ao Centro de investigação de Línguas e Culturas da Univ. de Aveiro.

A LÍNGUA COMO ELEMENTO DE CULTURA: (IN)TRADUZIBILIDADE DAS VARIANTES DO PORTUGUÊS

As literaturas africanas de língua portuguesa e brasileira refletem a "língua própria" do país que representam, uma língua fruto de contactos entre o português e outras línguas autóctones, ou mesmo dialetos. Essa língua nunca poderá manter-se inalterável e, sobretudo, nunca poderá aproximar-se facilmente do português europeu padrão. Falaremos em português de Moçambique, em português de Angola, em português de Cabo Verde, por exemplo, como aliás há já muito o fazemos com à-vontade em relação ao português do Brasil.

Esta "língua própria" passará pela literatura, enquanto elemento central da cultura. O português, enquanto língua oficial, sofre alterações ao nível ortográfico, lexical e sintático. Exemplo de escritores que evidenciam esta marca de um português africanizado são os de Mia Couto e

de Luandino Vieira, que, através da criação de novas formas linguísticas, tentam mostrar a realidade da linguagem no quotidiano. Também João Guimarães Rosa ou o contemporâneo João Ubaldo Ribeiro recorrem à linguagem com marcas de brasilidade como forma de expressar a realidade brasileira.

Se, como escreve Eduardo Lourenço, «não pode dizer-se de língua alguma que ela é uma invenção do povo que a fala. O contrário seria mais exato. É ela que o inventa» (Lourenço: 1999, 121), como poderão traduzir-se as variantes do Português que são reflexo de culturas em parte tão distintas? Defendemos, pois, que a tradução das variantes prende-se com a falácia de que a cultura é traduzível e apresentaremos formas que suplantam a hipotética necessidade de tradução das variantes do Português.

18. *ALINE MORAES OLIVEIRA*

ALINE MORAES OLIVEIRA nasceu em 1982, é brasileira. Coursou Licenciatura Plena de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Univ. Federal do Espírito Santo (UFES). Foi aluna de iniciação científica durante dois anos (2004-2006) da graduação. Atualmente, cursa Pós-Graduação strictu sensu em Estudos Linguísticos na mesma Univ. Atua na área de linguística e pesquisa. Dos artigos que publicou em periódicos diversos cita os seguintes: O jogo metafórico de expressões idiomáticas no funcionamento da linguagem (CiFEFiL, 2006); Descrição de palavras compostas para o processamento automático: a estrutura nome-adjetivo (PPGEL / MEL, 2006); A linguagem de Chico Buarque – das frestas às metáforas contra a censura (Flor&Cultura, 2005). Apresenta os trabalhos: (1) variação linguística e gêneros textuais: uma abordagem para o ensino (Lúcia Helena Peyroton da Rocha / Aline Moraes oliveira); e (2) O uso de expressões metafóricas na Língua Portuguesa em diversas situações sócio-interativas (Lúcia Helena Peyroton da Rocha / Aline Moraes oliveira).

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E GÊNEROS TEXTUAIS: UMA ABORDAGEM PARA O ENSINO

Este trabalho pretende estudar de modo comparativo e contrastivo a Língua Portuguesa a partir de gêneros textuais. Trabalharemos com textos veiculados tanto em Portugal quanto no Brasil. Nesses gêneros abordaremos as semelhanças e as diferenças no que tange à acentuação, ao uso de pronomes, ao surgimento de novas palavras, à sintaxe e à semântica. Objetivamos atender a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que visam fundamentar o ensino da língua materna, tanto oral, como escrita, nos gêneros discursivos. Dessa forma, torna-se pertinente analisar os gêneros textuais que circulam em nossa sociedade, tanto em meio impresso, como em meio virtual, como os cartazes, as charges, os panfletos, os outdoors, as manchetes. Baseamo-nos no pressuposto de que a norma pode variar no interior de uma comunidade idiomática, seja de um ponto de vista diatópico (português de Portugal, português do Brasil, português de Angola), seja de um ponto de vista diastrático (linguagem culta, linguagem média, linguagem popular), seja, de um ponto de vista diafásico (linguagem poética, linguagem da prosa). Tudo isso sem alterar a coesão do sistema, que faz a unidade fundamental da língua.

19. *MARIA DO CÉU FONSECA*

MARIA DO CÉU FONSECA Professora auxiliar de nomeação definitiva do Dept.º de Linguística e Literaturas da Univ. de Évora;

- Investigação na área da historiografia linguística portuguesa e missionária;
- Publicações mais recentes na área de investigação:

- (2006) *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária. Preposições e Posposições no Século XVII*. Lisboa: Colibri.

- (2007) *Acordos Gerais entre Brasil e Espanha, Portugal e Brasil. Fórum da Língua Portuguesa no Contexto Ibérico, "Asociación de Profesores de Lengua Portuguesa en España"*. Madrid: Espanha (no prelo).

- (2007) *Gramáticas Filosófico-Gerais Portuguesas e Espanholas: aspetos sintáticos. Congreso Internacional "Relaciones Lingüísticas y Literarias entre Portugal y España desde el Siglo XIX al siglo XXI"*. Univ. de Salamanca: Espanha (no prelo).

FONTES MANUSCRITAS E IMPRESSAS DA CENTRAL LIBRARY OF PANGIM: MEMÓRIA LINGUÍSTICA DE UMA REGIÃO LUSÓFONA

A *Central Library of Pangim* é uma das mais ricas bibliotecas da Ásia em literatura latina e portuguesa (sobretudo edições anteriores a 1961). Antiga “Biblioteca Vasco da Gama” (1891), a *Central Library* inclui hoje, no espólio da sua secção de reservados, um conjunto de obras manuscritas e impressas de inegável valor para o estudo da historiografia linguística portuguesa e missionária. Pretende-se, no trabalho agora proposto, resgatar e valorizar alguns dos documentos deste acervo.

20. MARIA FLÁVIA BOLLELA E

21. JOSÉ MOREIRA GUEDES FILHO

MARIA FLÁVIA DE FIGUEIREDO PEREIRA BOLLELA é Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Univ. Estadual Paulista (UNESP – Brasil), com Especialização em Línguas Estrangeiras pela Univ. de Nova York (State University of New York – EUA) e Graduação em Letras pela Univ. Estadual de Campinas (UNICAMP – Brasil). Por dez anos, atuou como Coordenadora do Curso de Graduação em Letras e das Especializações em Língua Inglesa e Língua Portuguesa na Univ. de Franca (UNIFRAN – Brasil). Atualmente é Professora Permanente do Programa de Mestrado em Linguística da Univ. de Franca (UNIFRAN – Brasil) e Professora Assistente-Doutor do Dept.º de Ciências Sociais e Letras da Univ. de Taubaté (UNITAU – Brasil). Correio eletrónico: bollela@yahoo.com

JOSÉ MOREIRA GUEDES FILHO é Filósofo, Teólogo, Psicanalista, Escritor e Professor do Programa de Pós-Graduação da Univ. de Franca (UNIFRAN – Brasil). Correio eletrónico: jguedesfilho@yahoo.com.br.

O PORTUGUÊS RURAL DO BRASIL: UMA VARIANTE DENTRE AS VARIANTES

O presente trabalho tem por objetivo possibilitar um contato com o português rural do Brasil em sua forma legítima. Para tanto, apresentaremos uma análise linguística de um “causo” contado por um prosador brasileiro. Ao longo do corpus, encontramos várias palavras incomuns à rotina urbana e ao português contemporâneo. Tal fato vem corroborar as pesquisas de Penha (1970, 1972, 1976, 1983, 1997), que demonstram que essas ocorrências, além de serem comuns na linguagem do caboclo brasileiro, são oriundas do português arcaico dos séculos XVI e XVII. Muitas das formas utilizadas pelo prosador foram documentadas em grandes escritores do passado, como Camões, João de Barros, Fr. Heitor Pinto, Fr. Luís de Sousa e Pe. Antônio Vieira. Além do vocabulário utilizado pelo prosador, analisamos, ainda, alguns aspetos fonético-fonológicos de sua fala evidenciados por meio de processos fonológicos, tais como: o yeísmo, o rotacismo, a fuga das proparoxítonas, a aférese, a prótese, dentre outros. Tais processos, ilustrados por meio do vocabulário analisado, caracterizam, de forma exemplar, a linguagem rural brasileira. Devido ao fato do prosador ser fiel à sua origem sertaneja e transmitir, de forma consistente, a fala de

seus conterrâneos, a análise do “causo” nos fornece, de forma clara, subsídios relevantes para um melhor entendimento dessa parcela linguística do português contemporâneo.

22. M^a. HELENA ANACLETO-MATIAS

MARIA HELENA A. G. ANACLETO-MATIAS Licenciada (1988) e Mestre (1997) pela Faculdade de Letras da Univ. do Porto, Helena Anacleto-Matias completou duas pós-graduações: uma como intérprete de conferências (Univ. de Genebra, 1989), como bolsista do Parlamento Europeu, e outra em Estudos Norte-Americanos (Smith College, EUA, 1990), como bolsista Fulbright.

Publicou artigos em Portugal nas áreas da Linguística, Estudos Culturais, Literatura e Tradução e, como pontos altos de comunicações apresentadas em congressos internacionais destacam-se Singapura (2002), Santiago de Compostela (2003, apresentação conjunta), Bruxelas (2006) e Chipre (2007). O seu interesse pelos Estudos Lusófonos tem vindo a crescer, desde que participou no IX Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP, Viseu, 2001). Ensinou Língua Portuguesa como Língua Estrangeira no Porto e Matosinhos (1992/93) e na Bélgica (2006/2007). É a terceira vez que participa com comunicação nos Encontros da Lusofonia (2004, 2007 Açores e 2007 Bragança) e atualmente (desde 1993) é docente do Instituto Politécnico do Porto na área de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração.

PAULO COELHO - TRADUZIDO OU TRAÍDO N' “A BRUXA DE PORTOBELLO”?

Independentemente de se considerar (ou não) que tem uma grande qualidade literária, é indiscutível que Paulo Coelho é um fenómeno de vendas. Com mais de 85 milhões de obras vendidas em todo o mundo e traduzido em 63 línguas, o autor tem publicado praticamente uma obra por ano, constituindo motivo de grande expectativa entre os seus leitores fiéis qual será o tema seguinte.

Numa altura em que refletimos sobre as especificidades, condição atual e hipotético destino do Português do Brasil, é fundamental escolher um corpus literário de projeção internacional e ilustrar, baseada em reflexões apoiadas nos críticos tradutológicos, a dimensão da clássica, mas sempre atual problemática: “há tradução ou traição” numa obra transposta de uma língua para outra no contexto da Lusofonia?

A versão “The Witch of Portobello” foi publicada pela HarperCollins em 2007 e, conjuntamente com “A Bruxa de Portobello”, da Pergaminho em 2006, será o enquadramento linguístico-literário para reflexões quanto à dimensão da Língua Portuguesa no Brasil.

23. MARIA OLIVEIRA DE FRANÇA

MARIA OLIVEIRA DE FRANÇA é professora de História no Rio Grande do Norte (Mossoró). Cursa o mestrado em Linguística no ProLing-FUNESO/UEPB e desenvolve uma pesquisa sobre a linguagem regional do cordelista Antônio Francisco, que terá primeira parte publicada na sua dissertação de mestrado. Colabora com revistas e jornais locais. Escreveu um verbete para o Dicionário Temático da Lusofonia.

A LINGUAGEM DO POETA POPULAR: UMA UTILIZAÇÃO VARIACIONISTA?

O estudo de alguns textos do poeta popular norte-riograndense Antônio Francisco cristaliza um uso da língua identificado com os falares locais, mesclado pela memória histórica em que se entrecruzam vozes da tradição e da contemporaneidade articulando um terceiro viés discursivo, performático, instaurador de uma nova dimensão da língua.

24. MARIA GABRIELA COSTA

MARIA GABRIELA CARDOSO FERNANDES DA COSTA é doutora em Letras pela UFPB, professora e pesquisadora da Faculdade de Letras da Univ. Federal de Alagoas - UFAL, integrando o diretório de pesquisa "Literatura e utopia". Atua na área de Literatura Comparada e seus projetos de pesquisa atuais têm por objetivo as literaturas africanas de língua portuguesa.

OS (DES) CAMINHOS DE CAMINHA

Recordações do escrívão Isaías Caminha é um romance que tem por objetivo não só mostrar o fracasso do mulato Isaías Caminha na sociedade, mas, sobretudo, evidenciar como essa sociedade, arraigada a preconceitos e discriminações, pode destruir os projetos de realização humana e de ascensão social daqueles que, como o mulato, são/estão condenados a uma condição de inferioridade, não tendo conseqüentemente o direito de conquistar um verdadeiro lugar social.

A proposta deste trabalho é acompanhar Caminha nos seus (des) caminhos em busca de uma ascensão social que lhe asseguraria o respeito à sua "majestade de homem".

25. MARIA DO SOCORRO PESSOA

Prof.^a. Dr.^a. MARIA DO SOCORRO PESSOA; Professora Efetiva, classe Adjunto II da UNIR-RO; Docente e Pesquisadora Universitária da Univ. Federal de Rondônia, Campus de Vilhena – RO – Brasil - Dept.^o de Estudos Linguísticos e Literários;

Doutora em Linguística, com área de concentração em Sociolinguística;

Mestrado e Doutorado em Linguística pela UNICAMP – Univ. Estadual de Campinas, SP.;

Cursando Pós-Doutoramento na Univ. de Aveiro, em Portugal, na área de Didática e Tecnologia Educacional para a Formação de Professores de Língua Portuguesa em ambientes multidialetais.

Líder do Grupo de Pesquisas "Língua, Cultura e Sociedade Rondoniense – GEPS – Grupo de Estudos e Pesquisas Sociolinguísticas", certificado pela Instituição e registrado no CNPq-Brasil:

Docente e Pesquisadora do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, da UNIR, Campus de Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil;

Desenvolve atividades de Docência, pesquisa e Extensão em cursos de Licenciatura em letras e em Pedagogia e também no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem do Campus de Guajará-Mirim, Rondônia, Brasil.;

Tem artigos publicados em revistas nacionais e Internacionais, nas áreas de Linguística, Sociolinguística e Formação de professores de Língua Portuguesa

Residência: Av. Major Amarante, 4081, 1º. Andar – Apto 01, Prédio do Boticário – Centro 78995-000 – Vilhena – RO

Fones: 69-33227397 e 69-8113-0705 (Brasil) e-mails: sopessoa@gmail.com; sopessoa@unir.br; sopessoa5@hotmail.com;

mpeessoa@ua.pt;

* Endereço da Univ. Federal de Rondônia, Campus de Vilhena, Av. Rotary Club, 14551 – Setor Chacareiro 78995-000 – Vilhena - RO

A LÍNGUA PORTUGUESA NO SÉCULO XXI E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A VARIANTE BRASILEIRA: REALIDADES E DESAFIOS NO PORTAL DA AMAZÔNIA

O Brasil possui quase duzentos milhões de habitantes falantes da Língua Portuguesa, nosso mais valioso instrumento de luta. Sabemos das críticas a que foram submetidas as falas populares públicas ao longo da história do Brasil, com a finalidade de excluí-las da língua portuguesa, como se essas variantes “contaminassem” a língua de origem Europeia, portanto, considerada “pura e boa”. Tais críticas não conseguiram deter os discursos populares dos sem-terra, dos operários das fábricas, dos menos favorecidos socioeconomicamente e, na contramão do que se esperava, fizeram-se presentes nas esferas do poder brasileiro. Essas falas populares não esperaram que a escola os ensinasse a falar, mesmo porque nem sempre a ela tinham acesso, e resolveram proclamar suas necessidades naquela língua que os ajudava a sobreviver, a lutar no dia-a-dia, mesmo sendo discriminados pelos seus “errados modos de falar”. Esses dialetos populares passaram a ser legitimados e a ter destaque, de mídia inclusive, a partir do momento em que seus falantes alcançaram as esferas políticas, inatingíveis em tempos de ditadura. Esses “falantes” verificaram que eram enganados pelos “bonitos” discursos políticos das elites, daqueles que detinham a fala “bonita” e correta” da Língua Portuguesa, ensinada e propalada nas escolas elitizadas. Tal fala “bonita” e “correta”, perdeu seu prestígio porque desprestigiados foram os discursos de falsidades ideológicas por ela proferidos. Portanto, supor que esse discurso popular desaparecerá será supor que uma elite minoritária voltará a implantar sua “língua portuguesa correta e bonita” aos destinos e futuro do Brasil. Sabemos que a Língua Portuguesa vai mudar, quer em Portugal, quer no Brasil, pois as mudanças nas línguas são inevitáveis porque a língua vive, funciona e evolui à sua maneira, como todas as outras instituições sociais. Isso não significa que a Língua Portuguesa, de fala da modalidade brasileira vai ser extinta e transformar-se em “outra língua”.

26. MARIA ZÉLIA BORGES

MARIA ZÉLIA BORGES - Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Univ. de São Paulo. Professora titular de Linguística no Programa de Pós-Graduação e na Faculdade de Letras da Univ. Presbiteriana Mackenzie. Destaca-se em sua produção: participação em congressos nacionais e internacionais; pesquisa e publicação de artigos, bem como livro com estudos em Lexicologia e sobre peculiaridades do português do Brasil.

PORTUGUÊS DO BRASIL: O TUPI E LÍNGUAS AFRICANAS NA CONSTITUIÇÃO DE SEU LÉXICO

Autores houve que propugnavam expressamente uma língua brasileira C a brasilina, como queria Monteiro Lobato. Mas um país cujo povo resulta de mestiçagem, como o Brasil, só pode ter uma língua também mestiça. Assim, outros autores, sem defender em tese uma língua brasileira, observam como acontece nossa mistura linguística por meio de seus textos.

Nosso objetivo, neste estudo, é mostrar como, em João Guimarães Rosa, a língua portuguesa aparece eivada de tupinismos (contendo também elementos africanos) e, em João Ubaldo Ribeiro, uma língua onde pululam africanismos. Para isto, selecionamos um conto rosiano C “Meu tio, o lauaretê C e trechos de um romance de João Ubaldo C “Viva o povo brasileiro”. Neles analisaremos tupinismos e africanismos, bem com empréstimos do tupi e de línguas africanas. Acreditamos que tal análise mostrará como tais autores registram a língua portuguesa com suas cores brasileiras, o que poderá confirmar os dizeres de Yeda Pessoa de Castro, em seu livro *Falares africanos na Bahia* (2001, p. 118), quando reabre, para discussão, a hipótese de que as diferenças entre o português europeu e o que se fala no Brasil

advêm de “um longo, progressivo e ininterrupto movimento explícito de aportuguesamento dos africanismos e, em sentido inverso, de africanização do português sobre uma base indígena preexistente no Brasil”.

27. MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO

MÁRCIA REGINA TEIXEIRA DA ENCARNAÇÃO, da Univ. de São Paulo Brasil é Professora universitária, bacharel em Letras, com mestrado em Linguística e doutoranda em Semiótica e Linguística Geral na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Univ. de São Paulo, Brasil.

Membro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) e Pesquisadora do Grupo de Pesquisas em Dialetoлогия e Geolinguística (GPDG-USP), que tem como objetivo, desenvolver atividades que possibilitem a reflexão e a discussão sobre tópicos de Dialetoлогия e Geolinguística. O GPDG é cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), agência do Ministério da Ciência e Tecnologia, destinada ao fomento da pesquisa científica e tecnológica e à formação de recursos humanos para a pesquisa no país.

Autora de diversos artigos completos publicados em periódicos científicos, em anais de congressos nacionais e internacionais e em revista eletrônica de divulgação científica em língua portuguesa, linguística e literatura.

Aspetos LINGUÍSTICOS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS CAIÇARAS BRASILEIRAS

Este trabalho tem por objetivo o estudo geolinguístico de aspetos semântico lexicais do falar dos caiçaras que vivem nas comunidades tradicionais de Ilhabela. O município é composto por um arquipélago localizado no litoral norte de Estado de São Paulo, possui 346 quilômetros quadrados de extensão e ainda mantém 80% de sua área coberta pela floresta nativa, sendo importante reserva da Mata Atlântica. Chama-se caiçara, o agricultor-pescador que sobrevive da agricultura de subsistência e da pesca artesanal. Possui uma estreita ligação com o meio natural, o que lhe permitiu a criação de um saber específico, transmitido de geração a geração.

Em decorrência do crescente processo de globalização econômica e cultural por que passam as sociedades neste início de século, percebe-se que esses grupos humanos vêm sofrendo mudanças que alteram, continuamente, algumas de suas características típicas. Isso ocorre em função das constantes movimentações em direção aos grandes centros urbanos, da forte influência exercida pelos meios de comunicação em massa, presentes na vida das pessoas, sugerindo mudanças, determinando posturas, padronizando e generalizando comportamentos. Seria, porém, simplificar demais dizer que as migrações para a cidade e a mídia são as únicas responsáveis pela desintegração de muitas culturas locais. Trata-se, na verdade, de uma soma de fatores que atuam nesse sentido.

Sabe-se que as línguas são fatos sociais, históricos, culturais e naturais e se registram como tal. Contribuem para formação da identidade cultural de povos e de nações. Toda língua, seja qual for a sua natureza, passa a veicular situações de uso, refletindo as características culturais de um povo, reconhecido pela sua identidade.

Os diversos processos de padronização em curso podem levar ao desaparecimento de muitos falares grupais como, por exemplo, o das comunidades aqui relatadas, inegavelmente em vias de extinção. É preciso, pois, que se tente resgatar o mais rápido possível a riqueza lexical existente.

28. MARTINHO MONTERO SANTALHA

MARTINHO MONTERO SANTALHA. Nasceu em Cerdido (Galiza) em 1941. Frequentou o Seminário de Mondonhede e, em Itália, realizou estudos de Teologia e Filosofia (Univ. Gregoriana de Roma). Doutorou-se em Filologia com uma tese sobre as rimas da poesia trovadoresca (em 2000, Univ. da Corunha). Muito cedo aderiu aos movimentos a prol da reintegração linguística, convertendo-se num dos principais promotores. Durante a sua estadia em Roma (1965-1974) participou no grupo “Os Irmandinhos”, preocupados pela recuperação do galego na liturgia e na sociedade em geral. Nessa altura foi um dos assinantes do “Manifesto para a supervivência da cultura galega”, publicado na revista Seara Nova (dirigida por Rodrigues Lapa) em setembro de 1974. A começos da década de 80 participou na fundação de diversas associações culturais galegas, como as Irmandades da Fala, Associação Galega da Língua e Associação de Amizade Galiza-Portugal. Tem publicado numerosos estudos em diversas revistas e congressos internacionais, sendo um dos autores mais prolíficos e respeitados da Galiza lusófona. Atualmente é catedrático de Língua e Literatura galega na Univ. de Vigo (Campus de Ponte Vedra).

Alguns dos seus textos mais representativos são:

Directrices para a reintegración lingüística galego-portuguesa. Ferrol, 1979.

Método Prático de Língua Galego-Portuguesa. Ourense: Galiza Editora, 1983.

Carvalho Calero e a sua obra. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1993.

«A lusofonia e a língua portuguesa da Galiza: dificuldades do presente e tarefas para o futuro». *Temas de O Ensino de Linguística, Sociolinguística e Literatura, Ponte Vedra-Braga, vol. VII-IV, nums. 27-38 (1991-1994), pp. 137-149.*

Na internet: <http://www.lusografia.org/mmontero.htm> ou <http://www.questione.org/node/405>

Oxalá voltassem tempos idos! Memórias de Filipe de Amância, pajem de Dom Merlim. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1994.

As rimas da poesia trovadoresca galego-portuguesa: catálogo e análise. Corunha: Univ. da Corunha, Faculdade de Filologia, 2000, 3 volumes, 1796 pp.

AS PRONÚNCIAS PADRÃO BRASILEIRA E GALEGA FRENTE À LISBOETA. (COM ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A UNIDADE FÓNICA DA LÍNGUA PORTUGUESA)

Caraterística comum das pronúncias nativas brasileira e galega da língua portuguesa frente à pronúncia lisboeta –que, como se sabe, é tomada como norma a imitar por muitos falantes portugueses é a melhor conservação do vocalismo etimológico, nomeadamente do vocalismo átono. Neste ponto, a deriva atual da pronúncia lisboeta afasta-se da fonética histórica do idioma, e, com isso, da língua escrita comum e, ao mesmo tempo, da pronúncia dos falantes doutros países, não influídos pela fala lisboeta. A consequência mais grave desse facto é que a pronúncia que nos últimos tempos se vai difundindo como padrão no português de Portugal resulta não só algo “estranha” mas por vezes mesmo de difícil compreensão para os falantes doutras áreas (por exemplo, para brasileiros e galegos). Este é talvez o mais importante fenómeno que está na raiz das propostas de “independência linguística”, assim no Brasil como na Galiza. O filólogo brasileiro Celso Cunha advertia há já anos: “há uma distinção entre o português europeu e o americano que se tem acentuado muito nos últimos séculos, diversificação que poderá, com o correr do tempo, chegar a resultados imprevisíveis. [...] O português era uma língua de base vocálica, e assim continua na modalidade brasileira. Há cerca de dois séculos começou o português europeu a seguir outra deriva, ou seja, a fortalecer as consoantes e a obscurecer as vogais átonas. [...] É, pois, de toda a conveniência que se tome como padrão no ensino em Portugal uma das pronúncias existentes com que se resguarde melhor o vocalismo átono” (*Língua portuguesa e realidade brasileira*, 1968, pp. 75-76). Não faltam vozes no mesmo Portugal que avisam ao respeito. Assim, o professor Vital Moreira num artigo intitulado “Crónica do falar lisboetês” (*Público*, 4 de janeiro de 2000, pág. 7) declarava: “Penso que não se trata de um desenvolvimento linguístico digno de

aplauso”; e constatava como os seus alunos brasileiros “se me queixam de que nos primeiros tempos da sua estada em Portugal têm grandes dificuldades em perceber os portugueses, justamente pelo modo como o português é falado entre nós, especialmente no "dialecto" lisboetês corrente nas estações de televisão”. E concluía: “não me agrada nada a ideia de que, por força da força homogeneizadora da televisão, cada vez mais portugueses sejam "colonizados" pela maneira de falar lisboeta. E mais preocupado ainda fico quando penso que nessa altura provavelmente teremos de falar em inglês para nos entendermos com os espanhóis e – ai de nós! – talvez com os próprios brasileiros...”.

29. MOISÉS DE LEMOS MARTINS

MOISÉS DE LEMOS MARTINS é Professor Catedrático do Dept.º de Ciências da Comunicação da Univ. do Minho (UM) e Diretor da revista Comunicação e Sociedade, órgão científico do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS) da mesma universidade. É Presidente da SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação e Presidente do Instituto de Ciências Sociais da UM. Doutoramento em Ciências Sociais (na especialidade de Sociologia), pela Univ. de Estrasburgo, tem publicado em Portugal e no estrangeiro, seguindo duas linhas de investigação, uma sobre o discurso político e religioso da primeira metade do século XX em Portugal, outra sobre a dimensão simbólico-cultural da identidade local, regional e nacional.

Publicou, entre outros livros, *A Linguagem, a Verdade e o Poder. Ensaio de Semiótica Social* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002) e *Para uma Inversa Navegação. O Discurso da Identidade* (Porto, Afrontamento, 1996). Editou, em colaboração, *Comunicação e Lusofonia. Para uma análise crítica da cultura e dos media* (Porto, Campo das Letras, 2006).
moisesm@ics.uminho.pt; moiseslmartins@gmail.com

A Atualidade DO COMBATE LINGUÍSTICO. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A LUSOFONIA.

Na era da informação global impressiona saber que os utentes da Internet de língua inglesa são 323 milhões (30% do total), os de língua chinesa 144 milhões (13,3% do total) e os de língua japonesa 86 milhões (8% do total), à frente dos utentes de Internet de língua espanhola, que são 82 milhões (7,5% do total) e dos utentes de Internet de língua portuguesa, que não passam de 34 milhões (3,1% do total).

Mas não é só na Internet que o inglês se impõe a todas as línguas. Como segunda língua o inglês esmaga toda a concorrência. O inglês é apenas a 4ª língua nativa mais falada, depois do chinês, do hindi e do espanhol, mas pensa-se que mais de mil milhões de pessoas falem um inglês de maior ou menor fluidez. Quando falamos de informação, pela imprensa escrita, pela rádio e pela televisão, e também pela Internet, não podemos deixar de ter em atenção que a informação se faz em línguas, que é sempre precisa uma língua natural para a divulgarmos. À medida, todavia, que o mundo se torna mais global, que a velocidade dos transportes encolhe as distâncias geográficas, que as redes de telecomunicações se espalham em maior largura de banda, a pressão por uma só língua aumenta. No entanto, todos aqueles que se acham comprometidos com a língua portuguesa têm que estar nessa luta. Com efeito, preservar uma língua, expoente máximo de uma cultura, é saber fortificá-la na comunicação diária e global. Entretanto, o intercâmbio editorial entre Portugal e o Brasil e os países africanos de expressão oficial portuguesa continua a ser incipiente. Mas a língua tem que funcionar entre nós como um importante instrumento comercial, cultural e político. Uma língua também faz valer a sua força graças à informação que veicula. Isso é verdade com a imprensa escrita, a rádio e a televisão. E é-o ainda mais com Internet. Temos à partida 210 milhões de falantes de português. Ou seja, temos à partida 210 milhões de consumidores de produtos linguístico-culturais.

30. REGINA BRITO

REGINA HELENA PIRES DE BRITO, Pós-Doutora pela Univ. do Minho (Portugal), Mestre e Doutora em Letras/Linguística pela Univ. de São Paulo (Brasil). Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras e do Núcleo de Estudos Lusófonos da Univ. Presbiteriana Mackenzie. É Pesquisadora Associada do CELP da Univ. de São Paulo e pertence ao Grupo de Pesquisas do IP-PUC-SP. Investigadora do *Projeto Lusocom*, do ICS da Univ. do Minho, coordenado por Moisés Martins e Helena Sousa. É, também, docente investigadora e membro representante do Brasil na Comissão Diretiva do *Instituto Nacional de Linguística de Timor-Leste*. Autora e Coordenadora do Projeto “Universidades em Timor-Leste” - *Canção popular e música brasileira em Timor-Leste* (coautoria de Benjamin Abdala Júnior – USP/SP) para a difusão da língua portuguesa em território timorense por meio da música brasileira, em fase de adaptação para o contexto moçambicano. Sua produção recente destaca a publicação de artigos, capítulos e livros focalizando a relação entre língua, realidade cultural e identidade em países de expressão lusófona.

SENTIDOS E SENTIMENTOS EM TORNO DA LUSOFONIA

O encontro com diferentes espaços em que o português é uma das línguas de expressão oficial (materna ou não) revela-nos que a utilização do termo Lusofonia (e de uma série de outras expressões daí decorrentes, tais como: países lusófonos, comunidade lusófona, mundo lusófono, cultura lusófona, unidade lusófona, identidade lusófona, etc.) provoca interpretações e reações muito diversas no contexto que abarca a denominada “comunidade dos países de expressão portuguesa”, que se faz representar pela CPLP (e que compreende: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste). Procura-se, aqui, refletir acerca da (multifacetada) ideia do “sentimento de lusofonia” nos vários espaços que, com o termo, se procura construir uma imagem de unidade. Evocando vozes de sotaques vários, pretende-se trazer elementos que apontem para uma conceituação desvinculada de egocentrismos e/ou desconfortos que a palavra LUSOFONIA carrega, pela identificação explícita à centralidade da matriz portuguesa em relação aos sete outros países.

31. RICARDO GIL SOEIRO

Ricardo Gil Soeiro é atualmente investigador no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa (beneficiando de uma Bolsa concedida pela Fundação para a Ciência e Tecnologia), onde está em fase terminal da elaboração de uma dissertação de Doutoramento em Estudos Comparatistas, intitulada *Iminência do Encontro: George Steiner e a Leitura Responsável*. Em 2001, participou no espetáculo de declamação de poesia expressionista alemã, que teve lugar na Reitoria da Univ. de Lisboa. A sua contribuição saldou-se na leitura e na representação de poemas “Die Dämmerung”, de Alfred Lichtenstein, “Der Dichter und der Krieg”, de Albert Ehrenstein e “D-Zug”, de Gottfried Benn, bem como na interpretação ao piano de originais de sua autoria (“Paráfrase sobre a *Gymnopédie nº 1*, de Eric Satie, “Pensar”, “Improvisos” e “Orfeu Revisitado”).

Depois de concluir a sua licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas – Inglês/Alemão na mesma instituição com a média final de 18 valores, tem participado em diversos projetos de investigação, incluindo o Program LITEVA em Bolonha e o Programa Europeu “Forgetting Memory?”, bem como em diversos colóquios internacionais, como *Lévinas entre nós; HERMES 2005 International Seminar in Literary Studies*

– *Portraits and Stories of the Self* – European Network of Literature, Aesthetics and Cultural Studies – (Cascais); *Arte, Metafísica e Mitologia/Kunst, Metaphysik und Mythologie* (Goethe-Institut e Univ. de Lisboa); *Que valores para este tempo?* (Foundation Calouste Gulbenkian, Lisboa); e *Literary Odysseys. The Journeys in and of Literature* (University of Colorado, U.S.A.). Foi ainda agraciado com diversos prémios académicos de reconhecido mérito nacional e internacional,

Tendo publicado diversos artigos científicos em revistas da especialidade e em livros, os domínios do saber em que tem desenvolvido a sua atividade de investigação vão desde a relação entre os Estudos Visuais e a Literatura, aos Estudos Literários, Teoria Literária e Estudos de Tradução, passando ainda pelos Estudos de Holocausto e pela Filosofia do século XX, designadamente as obras de Martin Heidegger, Emmanuel Lévinas e Paul Ricoeur. Presentemente, está a ultimar uma coletânea de ensaios sobre George Steiner, intitulada *O Pensamento Tornado Dança. Estudos em torno do pensamento de George Steiner*, a ser publicada pela Roma Editora em 2007.

RUÍNA E ESPLENDOR DEPOIS DE BABEL: GEORGE STEINER E A ARTE DA TRADUÇÃO

Refratário aos dominantes esquemas de cientificidade que, nos últimos decénios, proliferam no campo das Humanidades em geral e no campo dos Estudos Literários e dos Estudos de Tradução em particular, George Steiner é um autor que, ao longo do seu itinerário intelectual (de *Tolstoi ou Dostoiewsky* a *Grammars of Creation*, passando por *Real Presences* e por *The Death of Tragedy*), sempre esteve desperto para o inquietante mistério do humano, debruçando-se sobre temáticas como a tragédia, o mito de Antígona, a presença real do sentido, as relações entre barbárie e alta cultura, bem como a linguagem e a tradução. Sobre esta última se debruça mais amplamente em *After Babel: Aspects of Language & Translation* (1975). Aí, o modelo do movimento hermenêutico em quatro tempos do ato de tradução (impulso inicial, agressão, incorporação e reciprocidade ou restituição) não aspira ao estatuto de “teoria”, tratando-se unicamente da descrição de um modo de proceder, narrações de experiência vivida, notações heurísticas de uma “arte exata”. *After Babel*, enquanto poética da tradução e do sentido, pressupõe que a Torre de Babel continuará a projetar a sua sombra criadora. “Compreender é traduzir” – tal é o postulado central que determina que a tradução está, formal e pragmaticamente, implícita em *todo* o ato de comunicação, na emissão e na receção de todos os modos de sentido, tanto no sentido semiótico mais amplo como nas trocas mais especificamente verbais, sendo a tradução interlinguística uma aplicação particular de uma configuração e de um modelo fundamental à linguagem humana. A tradução é, pois, na ótica steineriana, simultaneamente impossível, como declara Ortega y Gasset em *Miseria y esplendor de la traducción*, e um “ato messiânico, que torna a redenção mais próxima”, no dizer sibilino de Franz Rosenzweig.

É nosso propósito tematizar a noção steineriana de tradução enquanto experiência fundamental de sentido e abordar a tensão entre possibilidade e impossibilidade do ato translatório à luz do entendimento que o autor nos propõe da linguagem humana e do vínculo que a liga ao transcendente.

32. ROSEMEIRE FACCIANA

ROSEMEIRE LEÃO DA SILVA FACCIANA: mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Univ. Católica de São Paulo (1990), doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Univ. Católica de São Paulo (2002) e pós-doutora em ensino de Língua Portuguesa, pela Univ. do Porto - Portugal (2007). Atualmente professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Univ. Presbiteriana Mackenzie. Membro do NEL-UPM (Núcleo de Estudos Lusófonos), membro do grupo de pesquisa Universidades em Timor-Leste, com diversas publicações na área.

QUESTÕES DE POLÍTICAS DE LÍNGUA E DE ENSINO DE PORTUGUÊS NO BRASIL NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Nesta apresentação, objetiva-se pôr em destaque as políticas de língua adotadas no Brasil na primeira metade do século XX, tendo como foco o ensino de Língua Portuguesa nos dois países. Para tanto, constituirão o corpus deste trabalho dois nomes brasileiros, a saber, Eduardo Carlos Pereira (gramático) e João do Rio (cronista), numa mostra de seus “falares brasileiros”. Acrescente-se a isso, o fato de a escola secundária brasileira oficial ter sido palco da representação político linguística da época, uma vez que o ensino era simplesmente voltado a uma pequena parcela elitizada da população brasileira, num período pós-república, cujos objetivos e metas foram, também, a nacionalização efetiva do Brasil não só como país independente, mas como uma nação com um sistema de ensino desvinculado do de Portugal.

33. RUI FARIA

RUI MIGUEL VENTURA DO COUTO TAVARES DE FARIA é licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês) pela Univ. dos Açores e doutorando em Literatura Portuguesa (especialidade: Literatura Oral e Tradicional) da Faculdade de Letras da Univ. do Porto. É professor efetivo de Língua Portuguesa. Tem desempenhado diversos cargos, tais como o de orientador de estágio, o de representante da disciplina de Língua Portuguesa e do grupo disciplinar, e o de 1.º secretário da Assembleia de Escola. Foi, também, colaborador da Univ. dos Açores, com funções de docente das cadeiras de Desenvolvimento Curricular I e II, no Dept.º de Ciências da Educação. Atualmente, para além das funções docentes, tem centrado a sua investigação na área da Literatura Oral e Tradicional Portuguesa, participando em encontros, congressos e outros eventos científicos, onde tem apresentado comunicações.

O POPULAR E O LITERÁRIO NO CONTO “A FESTA” DE MIGUEL TORGA

A comunicação visa refletir sobre Miguel Torga contista e sobre a dimensão popular da literariedade de um dos seus contos publicado na obra *Novos Contos da Montanha*: “A Festa”.

Trata-se de um conto não só rico pelo seu aspeto literário, explicitando marcas e especificidades do seu autor, como também valioso por traçar um perfil cultural do modo de ser português. Na verdade, “A Festa” aproxima-se, pela sua vertente cultural, de uma narrativa popular, evocando características típicas duma comunidade rural que vive, religiosa e profanamente, a festa de Santa Eufémia.

Esta comunidade, particularizada em meia dúzia de personagens, não reflete apenas a dimensão popular transmontana pelas referências feitas, mas espelha, também, o caráter de todo um povo, o povo português.

34. HENRIQUE SALLES DA FONSECA

HENRIQUE SALLES DA FONSECA, natural de Lisboa (1945) onde reside, casado, economista desde 1969, cumpriu o Serviço Militar em Moçambique de 71 a 73. Dentre várias funções públicas, viu Portugal a partir do Terreiro do Paço onde chefiou o Gabinete do Ministro da Agricultura de 81 a 83. Ligado à indústria entre 84 e 90 como Administrador de empresas e na Associação dos Industriais de Vidro de Embalagem de 91 a 96, foi Diretor-geral do Fórum para a Competitividade entre 1997 e 2004, altura em que se aposentou. Dedicou-se atualmente à consultoria e ao estudo da Economia, nomeadamente na perspetiva do Desenvolvimento. Participação regular em 2002-03 no

Suplemento de Economia do semanário “O Independente”, na revista “Economia Pura” até 2006 e na revista “Indústria”, da CIP, a cujo Conselho Editorial pertence. Desde janeiro de 2004, dirige o blog “A bem da Nação” onde escreve regularmente.

Foi Presidente da Sociedade Hípica Portuguesa no mandato de 1991-92. Autor do livro comemorativo dos 95 anos da instituição, “Hipismo em Lisboa”, publicado em 2005.

UM CONVITE AO SIGNIFICADO

Quando em 1938 Thomas Mann chegou aos Estados Unidos, fugindo ao nazismo, deu uma conferência de imprensa em que disse: «*Onde eu estiver, está a cultura alemã*». Logo houve quem atribuisse esta frase a uma grande dose de arrogância e a simpatia com que foi recebido ficou claramente moldada pela impressão assim causada. Foi necessário esperar alguns anos para que essa frase fosse explicada pelo seu irmão mais velho, Henrique, quando nas suas memórias se refere ao episódio e o explica com a frase de Fausto: «*Aquilo que de teus pais herdaste, merece-o para que o possuas*». Não fora, pois, arrogância mas sim um profundo sentido de responsabilidade que levava o escritor a identificar-se daquele modo com a sua própria cultura. O conhecimento do que outros fizeram antes de si já levava Hölderlin (1770 - 1843), o poeta atacado de mansa loucura, a afirmar que «*Somos originais porque não sabemos nada*». Em 1518, Ulrich von Hutten (1488-1523), companheiro de Lutero, escrevia a um amigo que, embora fosse de origem nobre, não desejava sê-lo sem o merecer: «*A nobreza de nascimento é puramente acidental e, por conseguinte, insignificante para mim. Procuo noutra local as fontes da nobreza e bebo dessa nascente. A verdadeira nobreza é a do espírito por via das artes, das humanidades e da filosofia que permitem à humanidade a descoberta e reivindicação da sua forma mais elevada de dignidade, aquela que faz distinguir a pessoa daquilo que também é: um animal.*»

Ou seja, a nobreza conquista-se, não se adquire por via hereditária. Afinal, era isso que Mann significava quando chegou à América ...

O que é, então, a essência da cultura? É o conjunto das obras intemporais, as perenes, as que não passam de moda, as grandes obras humanistas, as que desenvolvem o pensamento especulativo. É a conjugação lógica de axiomas para a construção de novos silogismos e para a definição de doutrinas inovadoras. Eis o âmago da cultura, de uma qualquer cultura: o raciocínio especulativo, a independência relativamente à letra, a interpretação dessa mesma letra, a busca do significado. Quanto mais uma cultura se identificar com os valores humanistas e os promover, mais elevada é essa cultura. E o que é ser culto? Será saber muitas coisas? Não, isso é uma enciclopédia. O conhecimento dos factos não define a cultura mas apenas a dimensão do conhecimento. O culto é aquele que está aberto à nova interpretação, o que busca o significado. E o que é ser educador? É «convidar os outros para o significado».

35. TAYO AJAYI

Dr. TAYO AJAYI, Nigeriano, fez seus estudos na Univ. de Ife, Ile-Ife, Nigéria onde completou sua graduação e pós-graduação em Francês/Português e Línguas Modernas Europeias respetivamente. Foi mais tarde para o Brasil com a bolsa de estudo CAPES-PEC/PG onde fez seu doutorado em Linguística na Univ. Federal de Minas Gerais, (UFMG) Belo Horizonte, Brasil. Atualmente é Professor e Chefe da Unidade do Português, Dept.º de Línguas Estrangeiras da Univ. Estadual de Lagos (LASU), Lagos, Nigéria e é o Diretor Executivo da Fundação de Herança Afro-brasileira, uma Instituição académica e sociocultural que trabalha nas cultura, história, arquitetura e herança dos descendentes afro-brasileiros na Nigéria onde têm um bairro brasileiro em Lagos até hoje. As áreas de pesquisa do Dr. Ajayi abrangem: Tradução, Linguística afro-brasileira, Línguas em contacto, Civilização afro-brasileira e Estudos de Diáspora Negro.

Artigos: “Issues of Comparative Studies: The Negro and the Mestiço in the Brazilian Culture” *Ife Literary Society’s Journal*, Vol, No. 1, pp. 46-52, (1994); “Dogbé et L’Incarcéré: l’écrivain contestataire et son œuvre”. *Lasu Journal of Humanities*, vol. 3, Nos 1-2, pp. 107-119, (1998); “A língua Ioruba e o estudo africanista no Brasil: Crítica de uma análise linguística”. *Vertentes*, São João del-Rei, FUNREI, Brasil, No 15, jan-jun, pp. 88-95, (2000); “O Iorubá em contato com o Português no Brasil”. In: MENDERS, Eliana Amarante de Mendonça; OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBRLER, Veronika (Org.). *O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias*, Belo Horizonte, Brasil, Faculdade de Letras, UFMG, pp. 197-207, (2001); *Decalque as a Linguistic Integration Strategy of Yoruba loan words in Brazilian Portuguese “Portuguese Studies” – An annual journal of the Modern Humanities Research Association, Kings College, Strand, London, U.K. No 18, Ed. 2003*, pp 102-115. (2003); “Culture in Translation: The Dilemma of a Translator”, *Ife Journal of Foreign Languages (IJOFOL)*, No 5, Oct. 2003, pp 53-59. (2006)

A criouliização / não-criouliização do português brasileiro: a contribuição africana e as perspectivas do futuro

A polémica existe até hoje sobre a criouliização prévia ou não do português do Brasil. Alguns pesquisadores argumentam a favor de uma pré-criouliização e outros enfatizam o fato de o português brasileiro ser uma continuação do português europeu. Todavia, na opinião de muitos estudiosos, seria impossível o português brasileiro não ter sofrido influências das centenas de línguas africanas com as quais ele teve contacto decorrente do tráfico escravista. Outra corrente defende o ponto de vista de que mesmo com este contacto com outras línguas africanas no Brasil, o português brasileiro conseguiu escapular ao processo da criouliização. Este estudo é uma tentativa de considerar esta questão da criouliização / não-criouliização do português brasileiro do ponto de vista de um africanista. Como introdução, o estudo aborda o que é o Pidgin, a noção do crioulo, semicrioulo e anticrioulo. Analisa com dados reais alguns aspetos da influencia das línguas africanas no português brasileiro, resultados do contacto sociolinguístico bem como alguns traços criouliizantes apontados no português brasileiro. No português em geral, há vasto repertório de termos e expressões africanos e portuguesas que são muito frequentes nos crioulos. A efetiva contribuição africana é evidência reconhecida dentro da hipótese crioula para o português brasileiro. O estudo conclui que perante todos esses aspetos socio-históricos e linguísticos do contacto com outras línguas, o português brasileiro nunca conseguiu sair ileso, mas sofreu influências dessas línguas, o que explica os traços criouliizantes encontrados na língua. Para o estudo, o Português brasileiro foi semicriouliizado. Finalmente, os óculos do estudo olham ao futuro para ver se o Português brasileiro vai distanciar-se ou aproximar-se do Português continental do Portugal.

36. ZULEIDE DUARTE

Zuleide Duarte é natural de Mossoró no Rio Grande do Norte. Vive em Pernambuco há 35 anos onde lecionou Literatura Portuguesa em Universidades locais como a Fundação do Ensino Superior de Pernambuco (FUNESO) e a Univ. Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é professora titular de Literatura na UEPB (Univ. Federal da Paraíba). É doutora em Literatura Brasileira.

Alguns títulos publicados: *Leituras luso-brasileiras* (ensaios); *D Eça e d outros* (ensaios); *Áfricas de Áfricas* (org) *Travo* (romance); *Da Arte de maternar e outras artes* (contos), entre outros. Colabora com revistas e jornais. Participou do Dicionário temático da Lusofonia.

A EXPERIÊNCIA DA TERRA EM MIGUEL TORGA

Trata-se de um estudo das marcas referenciais da terra na linguagem do escritor Miguel Torga. O estudo rastreia os elementos ligados à terra, raiz/rizoma, tema e motivo tanto da poesia quanto da prosa torguiana. Da longínqua e dolorosa vivência do exílio, do “Brasil onde vivi, onde penei” à nostalgia da pátria-além, os ecos da memória de “uma nesga de terra/debruada de mar” aos acordes do triste canto da esperança, a abordagem ressalta a identificação da obra do autor com o cenário e a história da vida da terra contada/cantada pelo ar da serra, pelo ribeiro ao lado, pela morte do sol pela beleza da ceifa.

37. PROFESSOR DOUTOR EVANILDO BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Evanildo Bechara nasceu no Recife, aos 26 de fevereiro de 1928. Aos 11 para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949. Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos. Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo mineiro Lindolfo Gomes. Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol. Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ) em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964. Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992. Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994. Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988. Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal). Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Univ. de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Univ. de Coimbra (Portugal). Professor Emérito da Univ. do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Univ. Federal Fluminense (1998).

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

A evolução do pensamento concessivo no Português (1954), O futuro em Românico (1962), A sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964), A contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964), Os estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980), As fases históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna gramática da Língua Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss. Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Dept.º de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973. Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de Livre-Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973. Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Dept.º de Letras da USP, desde 1978.

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988; Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975; Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977; Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984; Chefe do Dept.º de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984; Chefe do Dept.º de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Societé de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil. Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Professor Emérito da Univ. do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Univ. Federal Fluminense (1998); Doutor Honoris Causa da Univ. de Coimbra (2000). Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura). Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a Instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, Bechara escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor das revistas Littera (1971-1976) - 12 volumes publicados; Confluência (1990-2003) - até agora, 2003, 23 volumes publicados.

Bibliografia

Fenômenos de intonação. 1948.

Primeiros ensaios de Língua Portuguesa. 1954.

A evolução do pensamento concessivo no Português. 1954.

Exercícios de linguagem. 1954.

Curso moderno de Português. vol. I e II. 1968-1969.

O futuro em Românico. 1962.

A sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta. 1964.

A contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa. 1964.

Os estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues. 1980.

As fases históricas da Língua Portuguesa: tentativa de proposta de Nova Periodização. 1985.

Lições de Português pela Análise Sintática. 1960. 17ª ed., 2000.

Moderna gramática portuguesa. 1961. 37ª ed., 1999. 13ª reimpressão, 2003.

Guias de estudo de língua e de linguagem (org.). 4 vols. 1977: I - Introdução Linguística II - Dos Termos Linguísticos ao seu Conceito. III - Da Linguística ao Ensino da Língua. IV - Instrumentos de Avaliação.

Ensino da Gramática. Opressão ou liberdade? 11ª ed. 2ª impressão, 2000.

Gramática escolar da Língua Portuguesa. 2001.

Tradução

Eugénio Coseriu. Lições de Linguística Geral. 1980.

Em colaboração

Bernardo Élis. Seleta. 1974.

Luís de Camões. Antologia. 2ª ed., 1999.

Na ponta da língua. Até 2003 5 vols. publicados: I (2ª ed.); II (2ª ed.); III (2001); IV (2002); V (2003).

FONTE: <http://www.academia.org.br/>

38. PROFESSOR DOUTOR JOÃO MALACA CASTELEIRO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979, Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de quase 20 anos, Presidência do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa durante vários anos, Presidência do Instituto de Lexicologia e Lexicografia da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, o Prof. Malaca Casteleiro tem dedicado igualmente a sua carreira ao estudo da sua língua, que é também a minha: a língua portuguesa. É sobejamente conhecida de toda a comunidade académica a sua extensa obra de investigação que inclui inúmeros livros e artigos científicos. O Professor Malaca Casteleiro é ou foi responsável por Projetos de Investigação de grande importância, de entre os quais se salientam:

Português Fundamental

Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo

Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo.

Ainda no âmbito dos projetos de maior impacto publicado em 2000: o “Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea”, o “Dicionário da Academia”, e o “Dicionário Escolar da Língua Portuguesa”, na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado: Univ. de Macau com a qual tem colaborado desde 1987, ou seja, desde os tempos da sua predecessora a Univ. da Ásia Oriental, e onde teve também ocasião de dirigir várias Teses de Mestrado e dirige agora uma Tese de Doutoramento.

Na Univ. de Lisboa orientou também várias dezenas de teses de pós-graduação tanto ao nível de Mestrado como de Doutoramento.

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais e creio que lhe terá sido particularmente grato receber, do governo Francês, o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, em julho de 1998. Contudo, quando em 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique essa condecoração terá sido motivo do maior orgulho e alegria. http://www.umac.mo/honorary/2004/jmc_sp_p.htm

Linguista. Professor universitário. Investigador. Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1979 doutorou-se, nessa Faculdade, em Linguística Portuguesa. Prestou provas de agregação no ano de 1981. Iniciou a atividade profissional lecionando no ensino secundário (1965-69), ao que se seguiu a docência universitária na já referida Faculdade. Nestas funções, foi progredindo na carreira até assumir funções de catedrático de Linguística, em 1981. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e didática, no âmbito do mestrado. Foi diretor de investigação do Centro de Linguística conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica; presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987. Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros. É membro da Academia das Ciências de Lisboa desde 1979. Tem participado em vários congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

compilado por Chrys Chrystello © 2007